

# **SANTO IRENEU DE LIÃO**



**CONTRA AS HERESIAS**

**I LIVRO**

## **FONTE DO TEXTO**

*academia.edu*

## **Imagem da Capa**

*Vatican News*

Texto extraído do Vol. 04, «Contra as Heresias», da colecção  
"Patrística", editada por "PAULOS"

## SISTEMAS GNÓSTICOS

## PREFÁCIO

**Pr., 1.** Alguns, ao rejeitar a verdade, apresentam discursos mentirosos e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que a construção do edifício de Deus que se realiza na fé<sup>1</sup> — no dizer do Apóstolo — e, por astuta aparência de verdade, seduzem a mente dos inexpertos e escravizam-nos, falsificando as palavras do Senhor, tornando-se maus intérpretes do que foi corretamente expresso. Sob pretexto de gnose afastam muitos daquele que criou e pôs em ordem este universo, como se pudessem apresentar alguma coisa mais elevada e maior que o Deus que fez o céu e a terra e tudo o que eles encerram.<sup>2</sup> Ardilosamente, pela arte das palavras, induzem os mais simples a pesquisas e, omitindo até as aparências da verdade, levam-nos à ruína, tornando-os ímpios e blasfemos contra o seu Criador, os que são incapazes de discernir o falso do verdadeiro.

**Pr., 2.** O erro, com efeito, não se mostra tal como é para não ficar evidente ao ser descoberto. Adornando-se fraudulentamente de plausibilidade, apresenta-se diante dos mais ignorantes, justamente por esta aparência exterior, — é até ridículo dizê-lo — como mais verdadeiro do que a própria verdade. Como foi dito, acerca disso, por alguém superior a nós: uma pedra preciosa, a esmeralda, que tem grande valor aos olhos de muitos, perde o seu valor diante de artística falsificação de vidro até não se achar alguém conhecedor que a examine e desmascare a fraude. Quem poderá facilmente detectar a mistura de cobre e prata a não ser o experto? Ora, nós não queremos que por nossa culpa alguns sejam raptados como ovelhas pelos lobos, enganados pelas peles de ovelhas com que se camuflam. Esses, de quem o Senhor nos ordenou nos guardar, esses, que falam como nós, mas pensam diferentemente de nós. Eis por que, depois de ter lido os comentários dos discípulos de Valentim — como eles se denominam — depois de manifestar-te, meu caríssimo amigo,<sup>3</sup> os prodigiosos e profundos mistérios, que nem todos entendem, porque não renunciaram ao intelecto, para que tu, informado acerca destas doutrinas, as dêes a conhecer aos que estão contigo e os leves a tomar cuidado diante do abismo de irracionalidade e de blasfêmia contra Deus. À medida de nossa capacidade mostrar-te-emos, com poucas e claras palavras, a doutrina dos que, neste momento, ensinam de maneira diferente da nossa; quero dizer de Ptolomeu e dos que lhe estão à volta, cuja doutrina é como que a flor da escola de Valentim. Com nossas mediócras possibilidades, fornecere-mos os meios para refutá-las, mostrando que o que dizem é absurdo, inconsistente e oposto à verdade. Não acostumados a escrever, não tendo aprendido a arte de falar, mas solicitados pela caridade que nos urge a manifestar a ti e a todos os que estão contigo os ensinamentos deles, que foram conservados secretos, e que agora, pela graça de Deus, se tornam manifestos, pois nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser conhecido.<sup>4</sup>

**Pr., 3.** Não procures em nós, que vivemos entre os celtas, e que na maior parte do tempo usamos uma língua bárbara, nem a arte da palavra, que nunca aprendemos, nem a habilidade do escritor em que nunca nos exercitamos, nem a elegância da expressão, nem a arte de convencer, que desconhecemos. Mas, na verdade, na simplicidade e na candura, aceitarás com amor o que com amor foi escrito e desenvolvê-lo-ás por tua conta, visto que és muito mais capaz do que nós. Depois de o receber de nós como semente e princípio, fá-lo-ás frutificar abundantemente pela grande capacidade do teu intelecto e o que por nós foi dito com poucas palavras e insuficientemente te demos a conhecer, apresentá-lo-ás com vigor aos que estão contigo. E assim, ao responder ao teu desejo, já antigo, de

conhecer as doutrinas deles, não somente nos esforçamos para to manifestar, mas também para fornecer-te os meios para demonstrar a sua falsidade. Assim tu também esforçar-te-ás por ajudar os outros, conforme a graça que te foi concedida pelo Senhor, de forma que os homens já não se deixem induzir ao erro pela doutrina capciosa deles. Eis, então, essa doutrina.

## SISTEMA FUNDAMENTAL

### A. O Pleroma e os Éões que o compõem

1,1. Eles dizem que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um Éon perfeito, anterior a tudo, que chamam Protoprincípio, Protopai e Abismo. Incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo repouso e tranqüilidade durante uma infinidade de séculos. Junto a ele estava Enóia, que chamam também Graça e Silêncio. Ora, um dia, este Abismo teve o pensamento de emitir, dele mesmo, um Princípio de todas as coisas; essa emissão, de que teve o pensamento, depositou-a como semente no seio de sua companheira, o Silêncio. Ao receber esta semente, ela engravidou e gerou o Nous, semelhante e igual ao que o tinha emitido e que é o único capaz de entender a grandeza do Pai. Este Nous é também chamado Unigênito, Pai e Princípio de todas as coisas. Juntamente com ele foi gerada a Verdade e esta seria a primitiva e fundamental Tétrada pitagórica que chamam também Raiz de todas as coisas. Ela seria com posta pelo Abismo e o Silêncio, o Nous e a Verdade. O Unigênito, tendo aprendido o modo como foi gerado, procriou, por sua vez, o Logos e Zoé, Pai de todos os que viriam após ele, Princípio e formação de todo o Pleroma. Por sua vez, foram gerados pelo Logos e Zoé, segundo a sizígia, o Homem e a Igreja. Esta seria a Ogdôada fundamental, Raiz e substância de todas as coisas, que por eles é chamada com quatro nomes: Abismo, Nous, Logos e Homem. Cada um deles é masculino e feminino, da seguinte forma: inicialmente o Protopai se uniu, segundo a sizígia, à sua Enóia, que eles chamam também Graça e Silêncio; depois o Unigênito, também chamado Nous, uniu-se à Verdade; depois o Logos, à Zoé; por fim, o Homem, à Igreja.

1,2. Estes Éões, produzidos para a glória do Pai, querendo, por sua vez, glorificar o Pai com algo de si mesmos, fizeram emissões em sizígia. O Logos e Zoé geraram, depois do Homem e da Igreja, outros dez Éões, cujos nomes dizem ser estes: Abissal e Confusão, Aguératos e União, Autoproduto e Satisfação, Imóvel e Mistura, Unigênito e Felicidade: estes são os dez Éões que dizem derivar do Logos e Zoé. Por sua vez, também o Homem com a Igreja produziu doze Éões, aos quais atribuem estes nomes: Consolador e Fé, Paterno e Esperança, Materno e Caridade, Eterno e Compreensão, Eclesiástico e Bem-aventurança, Desejado e Sofia.

1,3. Esta é a teoria errada deles a respeito dos 30 Éões impronunciáveis e não conhecíveis. Segundo eles, este é o Pleroma invisível e espiritual, com a sua tríplice divisão em Ogdôada, Década e Duodécada; e por isso dizem que o Salvador — pois recusam dar-lhe o nome de Senhor — não fez nada publicamente durante 30 anos, para significar o mistério destes Éões. E também dizem que na parábola dos operários enviados a trabalhar na vinha se indicam com toda clareza estes 30 Éões.<sup>5</sup> De fato, alguns são enviados na primeira hora, outros na terceira, outros na sexta, outros na nona e outros na undécima hora. Somadas, essas horas diversas dão o total 30: 1+3+6+9+11=30. Pelo número de horas são indicados os Éões, que são os grandes, os admiráveis, os mistérios escondidos que eles próprios frutificam, mostrando assim como também puderam adaptar e acomodar à sua imaginação outras coisas ditas nas Escrituras.

2,1. Dizem também que o seu Protopai é conhecido somente pelo que nasceu dele, o Unigênito, isto é, o Nous, que é invisível e incompreensível para todos os outros Éões. Segundo eles, o Nous



era o único a deleitar-se em ver o Pai e a exultar ao contemplar a sua grandeza sem medida. Ele pensava também em participar aos outros Éões a grandeza do Pai, quer enquanto grande e extenso, quer também enquanto era sem princípio, incompreensível e invisível. Mas, pela vontade do Pai, o Silêncio o deteve nesta vontade de levar todos os Éões à compreensão e ao desejo de indagar sobre o seu Protopai. E, da mesma forma, todos os outros Éões desejavam secretamente ver o gerador de sua semente e contemplar aquela que é a sua Raiz sem princípio.

### *“Paixão” de Sofia*

2,2. Mas o último e mais novo Éon da Duodécada, gerado pelo Homem e a Igreja, isto é, Sofia, excitou-se grandemente e sofreu a paixão mesmo sem o abraço do cônjuge, o Desejado; essa paixão, nascida ao redor do Nous e da Verdade, propagou-se neste Éon, isto é, Sofia, que foi alterada, com aparência de amor, mas, na realidade, de temeridade, porque não se comunicara ao Pai perfeito da mesma forma que ao Nous. A paixão consistia na procura do Pai: queria — dizem — compreender a sua grandeza e como não lhe fosse possível pelo fato de prender-se ao impossível, entrou em grande angústia por causa da grandeza do Abismo, da imperscrutabilidade do Pai e do amor por ele. Lançando-se sempre para a frente, seria finalmente absorvida pela doçura do Pai e dissolvida na substância universal se não tivesse encontrado o Poder que consolida e guarda os Éões fora da grandeza inefável. A esta grandeza dão o nome de Limite: segurado por ela e consolidado, quando, com dificuldade, voltou a si e já convencido de que o Pai é incompreensível, abandonou a primitiva Entímese juntamente com a paixão pela qual fora tomado por causa do assombro e da admiração.

2,3. Alguns deles transformam esta paixão e retorno de Sofia em mito: querendo fazer uma coisa impossível e incompreensível gerou uma substância amorfa, da forma que era possível a uma mulher. Examinando-a, primeiramente entristeceu-se por causa do fruto incompleto do parto, em seguida teve medo de que ele percesse, e por fim, como que fora de si e apavorada, isto é, confusa, procurava a causa disso e como poderia esconder o que tinha nascido dela. Submersa por estas angústias, tomou o caminho de volta e procurou recorrer ao Pai. Depois de curto espaço perdeu as forças e elevou suas súplicas ao Pai e com ela rezaram também os outros Éões, especialmente o Nous. Dizem que é este o início primevo da substância material: a ignorância, a tristeza, o medo e o assombro.

2,4. Além desses Éões, o Pai gera por meio do Unigênito, sem esposa e sexo, à sua imagem, o acima citado Limite. Às vezes, porém, dizem que o Pai tem o Silêncio como cônjuge, outras, que não há nele distinção de sexo. O Limite é chamado também Cruz, Redentor, Emancipador, Delimitador e Guia. E é justamente por meio do Limite — dizem eles — que Sofia foi purificada e reintegrada na sizígia. Porque, quando foi separada de Entímese com a paixão que a tinha atingido, continuou a ficar dentro do Pleroma; mas a sua Entímese com paixão própria, separada, crucificada, expulsa dele pelo Limite, dizem que seria uma substância pneumática, com impulso natural de Éon, porém sem forma nem substância, porque não as recebeu. Eis por que este parto seria um fruto fraco e feminino.

### *Cristo e o Espírito Santo*

2,5. Depois que esta Entímese foi afastada do Pleroma dos Éões e que sua Mãe foi reintegrada na sizígia, o Unigênito, pela vontade do Pai, emitiu outro par, a fim de que nenhum outro Éon sofresse a mesma paixão: estes são o Cristo e o Espírito Santo, que completariam os Éões.<sup>6</sup> Com efeito, o Cristo ensinou-lhes a natureza da sizígia e os tornou capazes e idôneos para conhecer e entender o Ingênito e proclamou no meio deles o conhecimento do Pai, que é incompreensível e inatingível, que ninguém pode ver nem entender a não ser por meio do Unigênito. E a causa da permanência eterna

dos Éões é o que há de incompreensível no Pai, e a causa de seu nascimento e formação é o que há de compreensível nele, porque ele é Filho. São estas as coisas que o Cristo, agora gerado, operou neles.

2,6. O Espírito ensinou a todos do mesmo modo a dar graças e introduziu-os no verdadeiro repouso. Por isso — dizem eles — os Éões foram constituídos todos iguais, da mesma igualdade e forma de pensamento e todos se tornaram Nous, Logos, Homem e Cristo, e, semelhantemente, os Éões femininos se tornaram todos Verdade, Vida, Espírito e Igreja. Estabilizados e gozando de repouso perfeito, os Éões — afirmam eles — cantaram com grande alegria um hino ao Protopai, comunicador da grande alegria. Por este benefício, numa única vontade e pensamento de todo o Pleroma dos Éões, com o consentimento do Cristo e do Espírito, cada um deles trouxe e pôs em comum o que tinha de mais excelente e belo; e por harmoniosa composição e cuidadosa união fizeram, em honra e glória do Abismo, uma emissão de beleza perfeita e astro do Pleroma, fruto perfeito, Jesus, que também se chama Salvador, Cristo e Logos, nomes que derivam do Pai, e o Tudo, porque produzido por todos. E com ele e em sua honra e dos Éões, foram emitidos, para a sua guarda, os Anjos, da sua mesma natureza.

### *Argumentos escriturísticos*

3,1. Esta é a condição dentro do Pleroma: a sua produção e o infortúnio do Éon sujeito à paixão e quase perdido e a queda na matéria múltipla por causa do desejo do Pai e a consolidação na luta por obra de Limite, Cruz, Redentor, Emancipador e Guia; o nascimento, posterior ao dos Éões, do Primeiro Cristo e do Espírito Santo, emitido pelo Pai em seguida ao seu arrependimento; e a formação do segundo Cristo, que chamam também de Salvador, pela cotização comum. Porém estas coisas não foram ditas explicitamente porque nem todos entendem a sua gnose, mas foi indicado, em mistérios, pelo Salvador, por meio das parábolas, àqueles que podem entender. Assim, os 30 Éões foram indicados, como já dissemos, pelos 30 anos em que o Salvador não fez nada em público e também pela parábola dos operários da vinha. Dizem também que Paulo no-meia muitas vezes e abertamente os Éões e conserva a sua ordem quando diz: “por todas as gerações dos séculos dos séculos”.<sup>7</sup> Também nós, quando dizemos, no seguimento da Eucaristia, nos séculos dos séculos, fazemos alusão aos Éões. E todas as vezes que se encontram as palavras século ou séculos dizem que se referem aos Éões.

3,2. A emissão da Duodécada dos Éões é indicada pelo fato de que o Senhor disputou com os doutores da lei aos doze anos e pela eleição dos apóstolos: de fato elegeu doze apóstolos.<sup>8</sup> Os outros dezoito Éões seriam indicados nisto, como eles dizem: depois da ressurreição dos mortos o Senhor passou 18 meses com os apóstolos. E também as primeiras duas letras de seu nome, jota (= 10) e eta (= 8) significam claramente os 18 Éões. E também que os 10 Éões seriam indicados do mesmo modo pelo jota com que o seu nome inicia. É por isso que o Salvador teria dito que “não será omitido sequer um só i, uma só vírgula da lei, sem que tudo seja realizado”.<sup>9</sup>

3,3. A paixão do décimo segundo Éon é significada, dizem eles, pela apostasia de Judas, que era o décimo segundo apóstolo, e pelo fato de que o Senhor padeceu a sua paixão depois do décimo segundo mês, pois, para eles, teria pregado somente durante um ano, depois do batismo. E que isso seria também claramente significado pela mulher que sofria perda de sangue. Doente durante 12 anos, foi curada pela vinda do Senhor, quando tocou a orla da veste, e que foi por isso que o Salvador disse: Quem me tocou? para indicar aos discípulos que tinha acontecido um mistério entre os Éões, a cura de Éon enfermo. Por meio daquela que sofreu doze anos significava-se aquele Poder, porque,

como dizem, a sua natureza difunde-se e expande-se ao infinito. E se não tivesse tocado a veste do Filho, isto é, da Verdade da primeira Tétrada, significada pela orla da veste, dissolver-se-ia em toda a substância. Mas parou e repousou da paixão pelo Poder saído do Filho. Dizem que esse Poder é o Limite que a curou e afastou dela a paixão.

3,4. Que o Salvador seja o tudo saído de todos os Éões eles o vêem indicado pelas palavra: todo masculino que abre o útero. Sendo o Tudo, abriu o seio da Entímese, Éon toma-do pela paixão quando foi afastado do Pleroma. E também chamam a esta de segunda Ogdôada, da qual falaremos mais adiante. O próprio Paulo, dizem, teria falado claramente disso quando disse: “tudo em todos”, e mais: “porque tudo é nele e dele vem tudo”, e ainda: “nele habita toda a plenitude da divindade”.<sup>10</sup> As palavras: em Cristo encabeçar todas as coisas, como também todas as outras semelhantes, interpretam-nas eles neste sentido.

3,5. Quanto pois ao Limite, que chamam com muitíssimos nomes, dizem que exerce duas atividades: a de constituir e a de dividir. Enquanto constitui e consolida é a Cruz, enquanto divide e delimita é o Limite. Dizem que o Salvador indicou estas operações deste modo: primeiro a de constituir, com aquelas palavras: “quem não carrega a sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo”, e ainda: “toma a cruz e segue-me”; e a de dividir, com as palavras: “não vim trazer a paz, mas a espada”.<sup>11</sup> João — dizem eles — quis dizer o mesmo quando falava: “a pá está na sua mão: limpará a sua eira e recolherá seu trigo nos celeiros: mas quanto a palha, queimá-la-á num fogo inextinguível”.<sup>12</sup> Com isto indicar-se-ia a ação do Limite: a joeira é interpretada como sendo a Cruz que consome todos os elementos hílicos, como o fogo consome a palha; purifica os redimidos como a joeira o trigo. Dizem que o apóstolo Paulo se refere a esta cruz com as seguintes palavras: “a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam é Poder de Deus”, e ainda, “quanto a mim não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”.<sup>13</sup>

3,6. Eis o que dizem de seu Pleroma e da formação dos Éões, querendo adaptar as belas palavras da Escritura às suas más interpretações. E não só nos Evangelhos e nos escritos apostólicos procuram suas interpretações extravagantes e exegeses adaptadas, mas também na Lei e nos Profetas, em que se acham muitas parábolas e alegorias que podem ser mal interpretadas por causa da multiplicidade dos sentidos, adaptando artificialmente a sua ambigüidade às suas fantasias, levando assim longe da verdade os que não conservam fé inabalável no único Deus Pai todo-poderoso e em Jesus Cristo seu único Filho.

## B. Fora do Pleroma

### *Acamot, origem da matéria*

4,1. Sobre o que aconteceu fora do Pleroma dizem o seguinte. A Entímese daquela Sofia superior, que também chamam Acamot, afastada do Pleroma superior por motivo da Paixão, excitava-se, angustiada, nos lugares da escuridão e do vazio; e era necessário, porque ela fora excluída da luz e do Pleroma e era sem forma nem figura, como um aborto, por não ter recebido nenhuma. O Cristo superior teve piedade dela e estendido na cruz, pelo seu poder, deu forma a Acamot, mas somente segundo a substância e não segundo a gnose. Feito isso, retirou-se, arrastando consigo o seu poder e abandonando Acamot a fim de que ela, ao sentir toda a paixão por causa da separação do Pleroma, desejasse as coisas melhores, trazendo consigo um pouco de fragrância de imortalidade que o Cristo e o Espírito Santo lhe deixaram. Por isso ela também tem dois nomes: Sofia, do nome de seu Pai que

se chama Sofia, e Espírito Santo, do nome daquele Espírito que estava ao lado de Cristo. Recebida a forma, feita sábia e logo esvaziada pelo Logos, isto é, Cristo, que estava invisivelmente junto a ela, foi à procura da luz que a abandonara, mas não lhe foi possível alcançá-la, porque o Limite lho impedia. Então o Limite, ao forçá-la a não ir adiante, teria dito: Iao, e assim teve origem — dizem — o nome Iao. Como não pudesse ultrapassar o Limite, sendo tomada pela paixão e deixada só, fora do Pleroma, sucumbiu aos múltiplos e vários elementos desta paixão; entristeceu-se por não ter atingido a luz, teve medo de que também perderia a vida da mesma forma que perdeu a luz, e, além do mais, angustiou-se porque tudo isso ficaria ignorado. Diferentemente da sua Mãe, o primeiro Éon, Sofia não teve variação nas paixões, mas contradição. Sobreveio-lhe então outro desejo apaixonado, o de voltar àquele que a tinha vivificado.

4,2. Esta foi a origem e a essência da matéria — afirmam eles — de que é feito este mundo: da conversão tiveram origem todas as almas do mundo; e do Demiurgo, bem como do temor e da tristeza, tudo o resto. Das lágrimas de Acamot originaram-se todas as substâncias úmidas, do sorriso as lúcidas, e da tristeza e do temor os elementos corpóreos do mundo. De fato, às vezes chorava e estava triste — como dizem — por ter sido abandonada sozinha nas trevas e no vazio; às vezes, quando se lembrava da luz que a havia abandonado, acalmava-se e ria; às vezes voltava-lhe o temor, outras vezes estava fora de si pela angústia.

### *Refutação breve e irônica*

4,3. E então? Tudo isto é grande espetáculo e fantasia daqueles que, pomposamente e cada um à sua maneira, explicam de qual paixão e de qual elemento teve origem a substância. Assim consigo entender por que não querem ensinar estas coisas a todos, em público, mas somente àqueles que podem dar lautas gratificações para conhecer tão grandes mistérios. Não falam de modo semelhante àqueles de quem nosso Senhor disse: “de graça recebestes, de graça dai”,<sup>14</sup> mas são apresentados mistérios seletos, prodigiosos, profundos, descobertos à custa de grandes fadigas por estes enganadores. Quem não daria tudo o que possui para aprender que os mares, as fontes, os rios e todas as substâncias úmidas se originaram das lágrimas da Entimese do Éon tomado de paixão, a luz, do seu sorriso, os elementos corporais do mundo, do seu temor e inquietação?

4,4. Quero, eu também, contribuir com alguma coisa para a sua frutificação. Como, de fato, vejo que há água doce como a das fontes, dos rios, da chuva e outras, e que a do mar é salgada devo pensar que nem todas podem originar-se das suas lágrimas, porque as lágrimas são, por natureza, salgadas. É evidente, portanto, que as águas salgadas derivam das lágrimas. Mas eu penso que provavelmente ela se encontrou numa grande angústia e inquietação que a fizera suar. Por isso, seguindo seus argumentos, deve-se supor que as fontes, os rios e todas as outras águas doces se originaram de seus suores, porque não se pode pensar que a mesma e idêntica natureza das lágrimas possa produzir ora água doce, ora água salgada; é muito mais provável que algumas venham das lágrimas e outras dos suores. E como no mundo também há águas quentes e amargas é necessário explicar de que modo ou de qual membro elas saíram. Estes frutos estão completamente de acordo com seus argumentos.

### *Origem do homem: três gêneros*

4,5. Dizem que a Mãe deles, depois de ter passado por todas estas paixões e de ter saído dela às duras penas, começou a suplicar a luz que a abandonara, isto é, Cristo. Ele tinha voltado ao Pleroma e, ao que parece, não tendo a coragem de descer pela segunda vez, enviou a ela o Consolador, isto é,



o Salvador, a quem o Pai — e os Éões fizeram o mesmo — “deu todo poder e submeteu todas as coisas, para que nele fossem criadas todas as coisas, as visíveis e as invisíveis, os Tronos, as Potestades e os Principados”.<sup>15</sup> Então foram enviados a ela, juntamente com os Anjos, seus companheiros da mesma idade. Dizem que Acamot, logo depois de lhes fazer reverência, primeiramente se cobriu com um véu, em sinal de respeito, mas depois, quando ela e toda a sua frutificação o viram, correu-lhe ao encontro e desta sua visão recebeu um poder. Ele formou-a com a formação segundo a gnose e a curou de suas paixões, separando-a delas, porém sem tirá-las, pois não era possível fazê-las desaparecer como aquelas da primeira Sofia, porque já eram poderosas e intensas. Ele, portanto, as separou, depois misturou-as e fê-las coagular, e as transformou de paixão incorporal em matéria incorporal; em seguida, produziu nelas as propriedades e a natureza a fim de poderem formar combinações e corpos. A partir disso formaram-se duas substâncias, a substância má, derivada das paixões, e a passível de conversão. Por causa disso tudo eles dizem que o Salvador fez, virtualmente, obra de Demiurgo. Quanto a Acamot, liberta da paixão, concebeu na alegria, à visão das Luzes que estavam com o Salvador, isto é, dos Anjos que a acompanhavam. Eles ensinam que, engravidada à vista deles, gerou frutos à imagem desses Anjos, num parto pneumático semelhante ao dos companheiros do Salvador.

5,1. Segundo eles, existiam três elementos: o primeiro proveniente da paixão, e era a matéria; o segundo, da conversão, e era o psíquico; enfim o terceiro, gerado por Acamot, e era o pneumático. Então Acamot se dedicou à formação desses elementos. Todavia não podia formar o elemento pneumático por ser da mesma substância que ela. Então dedicou-se à formação da substância proveniente da sua conversão, isto é, a psíquica, e produziu, por fora, os ensinamentos recebidos do Salvador. Antes de tudo, da substância psíquica, ela formou o Deus, o Pai e o Salvador e Rei de todos os que lhe eram consubstanciais, isto é, os psíquicos, que chamam a direita e depois aqueles que derivam da paixão e da matéria, que chamam a esquerda. Afirmam que formou todas as coisas posteriores movida secretamente pela Mãe, por isso chamam-na de Pai-Mãe, Sem-Pai, Demiurgo e Pai; Pai dos da direita, isto é, os psíquicos, Demiurgo dos da esquerda, isto é, os hílicos, e Rei de todos. Esta Entítese, querendo fazer todas as coisas em honra dos Éões, fê-las à imagem deles, ou melhor, o Salvador é que as fez por meio dela. Ela também manteve incógnita ao Demiurgo a imagem do Pai invisível; e, por sua vez, o Demiurgo ofereceu a imagem do Filho Unigênito como os Arcanjos e os Anjos, feitos pelo Demiurgo, oferecem a imagem dos outros Éões.

5,2. Dizem que o Demiurgo se tornou Pai e Deus dos seres exteriores ao Pleroma, visto que era o Autor de todos os seres psíquicos e hílicos. Com efeito, ele separou uma da outra estas duas substâncias confusas e de incorporais fê-las corporais; fez os seres celestes e terrestres e tornou-se Demiurgo dos psíquicos e dos hílicos, dos da direita e dos da esquerda, dos leves e dos pesados, dos que vão para o alto e dos que vão para baixo. Fez sete céus sobre os quais — dizem — está o Demiurgo. É por isso que o chamam Hebdômada e à Mãe, Acamot, denominam Ogdôada, porque conserva o número da primitiva e primária Ogdôada do Pleroma. Segundo eles os sete céus são de natureza inteligente: supõem que sejam Anjos e o próprio Demiurgo um Anjo semelhante a um Deus, assim como o paraíso situado sobre o terceiro céu é, pela sua virtude, o quarto Arcanjo e que Adão recebeu dele alguma coisa quando esteve ali.

5,3. Asseguram que o Demiurgo julgava ter produzido tudo isso de si mesmo, mas que fora por obra de Acamot que fez o céu sem conhecer o Céu, que plasmou o homem sem conhecer o Homem, fez aparecer a terra sem conhecer a Terra, e assim com todas as coisas, ignorando os modelos dos seres que fazia. Ignorando até a própria Mãe, imaginava ser ele todas as coisas. Dizem eles que a

causa desta opinião foi a própria Mãe, que o queria elevar a Cabeça e Príncipe da sua substância e Senhor de toda a obra da criação. Eles chamam também a esta Mãe Ogdôada, Sabedoria, Terra, Jerusalém, Espírito Santo e Senhor, de gênero masculino. Ele ocupa o lugar de Intermediário, acima do Demiurgo, mas abaixo e fora do Pleroma, até a consumação final.

5,4. Na opinião deles, a substância híllica seria composta por três paixões: temor, tristeza e angústia. Em primeiro lugar, do medo e da conversão tiveram existência os seres psíquicos; da conversão se originou o Demiurgo, ao passo que do medo vem o restante da substância psíquica, como as almas dos animais mudos e dos homens. É por isso que o Demiurgo, incapaz de conhecer as coisas pneumáticas, pensou ser o único Deus e pelos profetas disse: Eu sou Deus e não há nenhum outro fora de mim. Em segundo lugar ensinam que as coisas espirituais más foram feitas pela tristeza; daqui se originaram o diabo, que chamam também de Senhor do mundo, os demônios e toda a substância pneumática do mal. Mas, afirmam, enquanto o Demiurgo é o filho psíquico da Mãe deles, o Senhor do mundo é criatura do Demiurgo e entende as coisas que estão acima dele porque é espírito do mal, ao passo que o Demiurgo as desconhece, por ser de natureza psíquica. A Mãe deles se encontra no supraceleste, isto é, na Hebdômada, e o Senhor do mundo, neste nosso mundo. Em terceiro lugar, da emoção e da angústia, coisas menos racionais, foram feitos os elementos corporais do mundo; a imobilidade da emoção produziu a terra; a agitação da angústia produziu a água; a consternação da dor produziu o ar; e o fogo está inserido neles todos como morte e corrupção, assim como a ignorância está escondida nas três paixões.

5,5. Tendo o Demiurgo feito o mundo, do lodo fez também o homem; não tomou essa terra seca, mas substância invisível, matéria inconsistente e fluida e, declaram eles, soprou nela o psíquico. E este homem é feito à imagem e semelhança: quanto à imagem é hílico, próximo a Deus sem lhe ser consubstancial; quanto à semelhança é psíquico, motivo pelo qual a sua substância é chamada espírito de vida, por derivar do espírito. Por fim, dizem, foi revestido com túnica de pele; a acreditar neles, este seria o elemento carnal, perceptível aos sentidos.

5,6. Dizem que a geração da Mãe deles, Acamot, que se realizou ao contemplar os Anjos que estão à volta do Salvador, consubstancial à Mãe, portanto pneumática, ficou desconhecida ao Demiurgo, e sem que ele o soubesse, foi depositada secretamente nele a semente para que por ele fosse lançada na alma que dele procederia, assim como no corpo hílico: desta forma, portado numa gestação nestes elementos, como num seio, ficasse apto a crescer e pronto para a recepção do Logos perfeito. Assim, portanto, — como dizem eles —, o Demiurgo não se apercebeu do homem pneumático semeado por Sofia no interior do seu próprio sopro por poder e providência inexprimíveis. Assim como ignorou a Mãe, também ignorou a semente dela. Dizem ainda que esta semente é a Igreja, figura da Igreja superna. É este o homem que pretendem existir neles: aquele que recebeu a alma do Demiurgo, o corpo do lodo, a carne da matéria e o homem pneumático da Mãe Acamot.

### *A predestinação e as obras*

6,1. Há, portanto, — asseveram eles — três elementos: o hílico, que também chamam da esquerda, que há de perecer inelutavelmente por não ser capaz de receber nenhum sopro de incorruptibilidade; o psíquico, que também chamam da direita, médio entre pneumático e hílico, que seria reduzido naquele para o qual se inclinará; e o pneumático, enviado para que unido ao psíquico, por essa união, recebesse aqui embaixo a sua formação. Este elemento pneumático, segundo eles, é o sal e a luz do mundo. O psíquico, de fato, precisava também de ensinamentos sensíveis e por esta razão — afirmam — foi formado o mundo e o Salvador veio ajudar este psíquico, dotado de livre-arbítrio, para salvá-

lo. Porque — dizem — tomou as primícias do que devia salvar: de Acamot tomou o elemento pneumático, do Demiurgo foi revestido do Cristo psíquico, e finalmente, por causa da economia, foi revestido de corpo feito de substância psíquica, mas organizado com arte infável para se tornar visível, palpável, passível. De substância hílca não tomou absolutamente nada, pois a matéria não é capaz de salvação. A consumação final dar-se-á quando será perfeitamente formado pela gnose todo o elemento pneumático, isto é, os homens pneumáticos que possuem o conhecimento perfeito de Deus e foram iniciados nos mistérios de Acamot. Afirmam que eles são estes homens.

6,2. Os homens psíquicos são educados com ensinamentos psíquicos, confirmados pelas obras e a fé simples e dizem que estes homens somos nós que pertencemos à Igreja e que por isso nos é indispensável boa conduta, de outro modo é impossível a salvação. Eles, porém, se salvam não pelas obras, e sim por serem pneumáticos por natureza. Como o que deriva do lodo não pode receber a salvação por não ter a capacidade receptiva dela, assim o elemento pneumático, que pretendem ser eles, está na impossibilidade absoluta de se corromper, sejam quais forem as obras que praticarem. Como o ouro lançado na lama não perde o brilho e conserva a sua natureza sem que a lama o prejudique em nada, assim, dizem eles, podem estar misturados com qualquer obra hílca que não sofrerão dano nenhum, nem perderão sua substância pneumática.

6,3. Por isso, entre eles, os perfeitos praticam sem escrúpulos todas aquelas obras proibidas das quais as Escrituras afirmam: quem pratica essas obras não herdará o reino de Deus. Comem indiferentemente as carnes sacrificadas aos ídolos porque pensam não ser inquinados por elas e em toda festa pagã são os primeiros a misturar-se aos festejos dos ídolos, nem se abstém de espetáculos sanguinários, odiosos a Deus e aos homens. Alguns, ao submeter-se insaciavelmente aos prazeres da carne, dizem que aos carnavais são dadas coisas carnavais e aos espirituais coisas espirituais. Alguns deles corrompem secretamente as mulheres que aprendem deles esta doutrina, como muitas, seduzidas por eles e que depois se converteram à Igreja de Deus, confessaram juntamente com outro erro também este. E outros, publicamente e sem se envergonharem, casaram, tirando dos seus maridos qualquer mulher por eles amada. Outros ainda, inicialmente muito corretos, fingindo habitar como irmãos, foram desmascarados pelo passar do tempo, quando se via que a irmã tinha engravidado por causa dos irmãos.

6,4. E além de cometer muitas outras ações vergonhosas e ímpias, tacham-nos de simplórios e ignorantes, a nós, que pelo temor de Deus, procuramos não pecar sequer por pensamentos e palavras; e exaltam-se a si mesmos com o nome de perfeitos e sementes de eleição. Nós, segundo eles, recebemos em uso a graça e por isso ela nos será tirada; eles, porém, a possuem como propriedade descida do alto da sizígia inominável e infável e por isso lhes será acrescida. Este é o motivo pelo qual é absolutamente necessário que meditem sempre o mistério da sizígia. Eles convenceram os simplórios dizendo-lhes: quem está no mundo e não ama a esposa até possuí-la não é da Verdade e não passará à Verdade. Quem, porém, é do mundo e se une à sua esposa não passará à Verdade por tê-lo feito na concupiscência. Por isso, nós, que eles chamam psíquicos e estamos no mundo, precisamos da continência e das boas obras para chegar, graças a elas, ao lugar do Intermediário; eles porém, que se autodefinem pneumáticos e perfeitos, não precisam de nada disso, porque não são as obras que introduzem no Pleroma, e sim a semente enviada pequenina do alto e aqui levada à perfeição.

7,1. Quando toda a semente atingir a perfeição, a Mãe deles, Acamot, passará do lugar do Intermediário para entrar no Pleroma e receberá como esposo o Salvador, proveniente de todos os Eões, de modo que se formará a sizígia do Salvador e Sofia-Acamot. Eles são o Esposo e a Esposa e

o quarto nupcial será todo o Pleroma. Então os pneumáticos, despojados das suas almas e tornados espíritos intelectuais, estarão, incompreensível e invisivelmente, dentro do Pleroma para serem dados como esposas aos Anjos companheiros do Salvador. O Demiurgo também passará para o lugar da sua Mãe Sofia, isto é, ao Intermediário e também as almas dos justos encontrarão repouso no lugar Intermediário, porque nada de psíquico pode entrar no Pleroma. Quando isso se realizar, o fogo latente no mundo se atizará e, envolvendo-o, consumirá toda a matéria, e consumindo-a passará com ela para o nada. Eles asseguram que o Demiurgo não sabia nada de tudo isso antes da vinda do Salvador.

7,2. Há dos que dizem também que ele gerou um Cristo, filho seu, mas psíquico, e que falou disso pelos profetas. É ele que passou por Maria como a água passa por tubo, é ele sobre o qual desceu, no batismo, em forma de pomba, o Salvador que está no Pleroma, proveniente de todos os Éões, é nele que foi depositada a semente pneumática de Acamot. Portanto, nosso Senhor seria composto, ao que dizem, por quatro elementos, conservando o tipo da Tétrada primigênia e primordial: o pneumático, proveniente de Acamot; o psíquico, do Demiurgo; o econômico, organizado com arte inefável; e o Salvador, que era a pomba que desceu sobre ele. Ele permaneceu sempre impassível e, portanto, quando o Cristo foi entregue a Pilatos, lhe foi tirado o Espírito, depositado nele. Assim, da mesma forma, não sofreu a semente derivada da Mãe, dizem eles, por ser ela também impassível e por ser pneumática e invisível até para o próprio Demiurgo. Segundo eles, quem sofreu, no mistério, foi o Cristo psíquico e o econômico: por meio dele, a Mãe manifestava a figura do Cristo do alto, aquele que se estendeu na cruz e que deu a Acamot uma forma substancial. Com efeito, dizem, as coisas daqui de baixo são o tipo daquelas do alto.

7,3. Afirmam eles que as almas que possuíam a semente de Acamot eram melhores do que as outras e, por isso mesmo, mais amadas pelo Demiurgo, ignorando ele o motivo, e por pensar que elas assim o fossem por ser produzidas por ele. Por isso as distribuiu entre profetas, sacerdotes e reis. Muitas palavras, pensam eles, foram proferidas por esta semente, por meio dos profetas, por ser de natureza superior; também pretendem que a Mãe disse muitas das que se referem às coisas do alto e que outras o foram pelo Demiurgo e pelas almas derivadas dele. Separam assim as profecias, afirmando que parte delas foram pronunciadas pela Mãe, parte pela semente e parte pelo Demiurgo. Jesus, por sua vez, disse alguma coisa da parte do Salvador, outras da Mãe e outras do Demiurgo, como indicaremos ao longo de nossa exposição.

7,4. O Demiurgo, ignorando as coisas do mundo superior a ele, estava admirado pelas palavras em questão; mas não fazia caso delas, atribuindo-lhes ora uma causa ora outra; quer o espírito profético, que age onde lhe apraz, quer o homem, quer mistura de elementos inferiores. Assim ficou na ignorância até o advento do Salvador, mas com a sua vinda, o Demiurgo aprendeu dele todas as coisas — dizem eles — e se aproximou dele exultando com todas as forças. Ele seria o centurião do evangelho que disse ao Salvador: “também eu tenho às minhas ordens soldados e servos que cumprem o que eu mandar”.<sup>16</sup> Ele levará à perfeição o governo do mundo no tempo preestabelecido, sobretudo pela diligência e os cuidados da Igreja e também pelo conhecimento do prêmio que lhe está preparado, isto é, a passagem ao lugar da Mãe.

7,5. Distinguem três espécies de homens: pneumáticos, psíquicos e terrenos, como foram Caim, Abel e Set e, a partir deles, querem estabelecer a existência de três naturezas, não nos indivíduos, mas no conjunto do gênero humano. O terreno acabará na corrupção; o psíquico se escolher o melhor, repousará no Intermediário, mas, se escolher o pior, acabará com os seus semelhantes; os pneumáticos, porém, que Acamot desde então e até agora põe como semente nas almas justas, são



aqui educados, desenvolvidos, por serem emitidos bem pequenos, e depois, feitos dignos de perfeição, serão dados em casamento aos Anjos que acompanham o Salvador, enquanto suas almas serão necessariamente refrigeradas no Intermediário com o Demiurgo e eternamente. Dizem também que as próprias almas se subdividem em duas categorias: as boas por natureza e as más por natureza; são boas as que foram feitas capazes de receber a semente, são más as que, por natureza, nunca a poderão receber.

### *Textos escriturísticos*

8,1. Esta é, portanto, a teoria deles, que nem os profetas pregaram, nem o Senhor ensinou, nem os apóstolos transmitiram e pela qual se gloriam de ter conhecimentos melhores e mais abundantes do que os outros. Lêem coisas que não foram escritas e, como se costuma dizer, trançando cordas com areia, procuram acrescentar às suas palavras outras dignas de fé, como as parábolas do Senhor ou os oráculos dos profetas ou as palavras dos apóstolos, para que as suas fantasias não se apresentem sem fundamento. Descuidam a ordem e o texto das Escrituras e enquanto lhes é possível dissolvem os membros da verdade. Transferem, transformam e fazendo de uma coisa outra seduzem a muitos com as palavras do Senhor atribuídas indevidamente a fantasias inventadas. É como se a um autêntico retrato do rei, realizado cuidadosamente em rico mosaico por hábil artista, alguém desmanchasse a figura de homem e fizesse com as pedras deslocadas e mal dispostas a figura de cão ou de raposa e depois dissesse e confirmasse que aquela era a autêntica imagem do rei feita pelo hábil artista. Mostrando aquelas mesmas pedras que, bem dispostas pelo primeiro artista, apresentavam a imagem do rei e, mal dispostas pelo segundo artista, transformavam-na em figura de cão, pelo brilho das pedras enganam os simples que não conhecem o aspecto do rei e os convencem que a ridícula imagem da raposa é o autêntico retrato do rei. Assim, costurando fábulas de velhinhas e tomando daqui e dali palavras, sentenças e parábolas, procuram adaptar as palavras de Deus às suas fábulas. Já falamos do que aplicam aos que estão dentro do Pleroma.

8,2. Eis agora o que eles tentam encontrar nas Escrituras<sup>17</sup> acerca dos que estão fora do Pleroma. Dizem que o Senhor veio nestes últimos tempos do mundo para sofrer, a fim de mostrar a paixão do último Éon e, pelo fim dele, manifestar o fim da produção dos Éões. A menina de doze anos, filha do chefe da sinagoga, sobre a qual o Senhor se curvou ressuscitando-a dos mortos, era, contam eles, o tipo de Acamot, à qual o seu Cristo, debruçando-se, deu forma e a levou a sentir a Luz que a abandonara. Dizem que o Salvador se mostrou a Acamot quando se encontrava fora do Pleroma, como um aborto, e que a afirmação disso se encontra nas palavras de Paulo na primeira carta aos Coríntios: “Em último lugar, apareceu também a mim, como a um abortivo”.<sup>18</sup> À vinda do Salvador e de seus companheiros coetâneos a Acamot se referiria na mesma carta ao escrever: “a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal de sua dependência por causa dos Anjos”.<sup>19</sup> E que quando o Salvador veio a ela, Acamot se cobriu com um véu, por reverência, Moisés o deu a entender quando cobriu a face com véu. As paixões por ela experimentadas foram indicadas pelo Senhor quando na cruz disse: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”<sup>20</sup> querendo indicar que Sofia foi abandonada pela Luz e impedida pelo Limite de lançar-se para o lugar de antes; foi significada a tristeza quando disse: “minha alma é oprimida pela tristeza”;<sup>21</sup> seu temor, dizendo: “meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice”;<sup>22</sup> a angústia, ao dizer: “Não sei o que direi”.<sup>23</sup>

8,3. O Senhor, ensinam eles, também teria indicado as três raças de homens desta forma: a hílca quando respondeu ao que lhe disse: Eu te seguirei, ele respondeu: “O Filho do Homem não tem onde pousar a cabeça”. A psíquica, quando respondeu ao que lhe dizia: “Eu te seguirei, Senhor, mas

permite-me primeiro que me vá despedir dos que estão em minha casa”, ele respondeu: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus”. Este seria, como dizem, do Intermediário e o outro que confessava ter cumprido grande parte da sua justiça e depois não quis seguir o Salvador, vencido pela riqueza que o impedia de tornar-se perfeito, seria da raça psíquica. A pneumática, por sua vez, teria indicado quando diz: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos, quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus”; e ao publicano Zaqueu: “Desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”.<sup>24</sup> Estes homens — dizem eles — pertenciam à raça pneumática. Também a parábola do fermento que a mulher escondeu em três medidas de farinha se refere, segundo eles, às três raças. A mulher é Sofia, as três medidas de farinha são as três raças de homens, pneumáticos, psíquicos e terrenos, e o fermento é o próprio Salvador. Também Paulo teria falado claramente de homens terrenos, psíquicos e pneumáticos. Num lugar ele diz: “Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres”; noutra: “O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito”, e noutra ainda: “O homem espiritual julga a respeito de tudo”.<sup>25</sup> A frase: “O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito” é uma referência — segundo eles — ao Demiurgo, que por ser psíquico não conheceu a Mãe, que é pneumática, nem a sua semente, nem os Éões do Pleroma. Paulo afirma ainda que o Salvador assumiu as primícias dos que salvaria: “E se as primícias são santas a massa também o será”,<sup>26</sup> entendendo como primícias o elemento pneumático e como massa a nós, isto é, a Igreja psíquica de quem assumiu a substância e que faz crescer em si por ser ele o fermento.

8,4. Quanto a Acamot, que se degradou fora do Pleroma, que recebeu a forma de Cristo, que foi procurada pelo Salvador, dizem que é isso que o Salvador entendia quando declarou que viera procurar a ovelha desgarrada. Essa ovelha seria a Mãe deles, da qual derivou a Igreja daqui, o extravio dessa ovelha é a permanência fora do Pleroma com todas as paixões das quais foi formada a matéria. A mulher que varre a casa e encontra a dracma dizem que é a Sofia do alto que perdeu a sua Entímese e que, mais tarde, a reencontrou quando foram purificadas todas as coisas pelo advento do Salvador, porque ela deve ser reconduzida ao Pleroma. Simeão, que tomou o Cristo em seus braços e bendisse a Deus, dizendo: “Agora, soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra”,<sup>27</sup> é a figura do Demiurgo que à vinda do Salvador ficou sabendo de sua mudança de lugar e agradeceu ao Abismo. Quanto à profetisa Ana, de quem no evangelho se diz ter vivido sete anos com seu marido e ter ficado viúva pelo resto da vida, até que viu o Salvador, o reconheceu e falou dele a todos, ela — dizem eles — manifestamente significa Acamot que, após ter visto por pouco tempo o Salvador com seus coetâneos, ficou depois pelo tempo todo no Intermediário à espera da volta dele, para que a reconduzisse à sua sizígia. O Salvador indicou também o seu nome dizendo: Sofia é justificada por todos os seus filhos; e Paulo: “Nós falamos de Sofia aos perfeitos”. Dizem que Paulo também falou das sizíguas que há no Pleroma quando manifestou uma delas ao escrever sobre o casamento nesta vida: “é grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja”.<sup>28</sup>

8,5. Ensinam que também João, o discípulo do Senhor, lembrou a primeira Ogdôada e o dizem com as seguintes expressões: João, o discípulo do Senhor, querendo expor a origem de todas as coisas, isto é, como o Pai tudo produziu, propõe por primeiro Princípio gerado por Deus, quem ainda agora chamam Filho e Deus Unigênito no qual o Pai produziu, em germe, todas as coisas. Dele, diz João, foi produzido o Logos e nele toda a substância dos Éões, à qual depois o Logos deu a forma. Justamente porque fala da primeira origem ele expõe corretamente a doutrina do Princípio, isto é, de Deus e do Logos. Ele diz: “No Princípio era o Logos e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus. No Princípio ele estava com Deus”.<sup>29</sup> Antes de tudo distingue os três: Deus, Princípio e Logos, depois une-os novamente para indicar a procriação de cada um, isto é, do Filho e do Logos, e a sua

união entre si e com o Pai. O Princípio está de fato no Pai e do Pai; e no Princípio e do Princípio, o Logos. Disse, portanto, corretamente: “No Princípio era o Logos”, de fato estava no Logos, e “o Logos estava com Deus”, assim como estava o Princípio, e o Logos era Deus, por consequência, porque o que nasceu de Deus é Deus. “No Princípio ele estava com Deus” indica a ordem da emissão. “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”;<sup>30</sup> de fato, o Logos foi a causa da formação e do nascimento de todos os Éões que vieram depois dele. O que foi feito nele era a vida, ele diz, para manifestar uma sizígia; de fato, “todas as coisas”, diz, “foram feitas por meio dele”, mas a Vida estava nele. Portanto esta que está nele lhe é mais íntima do que aquela feita por seu meio: ela lhe está unida e frutifica por ele. De fato, João continua: “E a Vida era a Luz dos Homens”.<sup>31</sup> Aqui ao dizer “Homens”, indica com este nome a “Igreja”, para sublinhar com o único nome a comunhão da sizígia. De Logos e Vida, com efeito, derivam o Homem e a Igreja. João chama a Vida de Luz dos Homens porque foram iluminados por ela, isto é, formados e manifestados. É o mesmo que diz Paulo: “É Luz tudo o que é manifesto”,<sup>32</sup> porque a Vida manifestou e gerou o Homem e a Igreja e por isso é chamada a sua Luz. João, portanto, com estas palavras, indica claramente, entre outras coisas, a segunda Tétrada: Logos e Vida, Homem e Igreja. Mas indica também a primeira Tétrada. Falando do Salvador e dizendo que todas as coisas fora do Pleroma foram formadas por ele, diz também que ele é fruto de todo o Pleroma. De fato, ele o chama de Luz que brilhou nas trevas e não foi reconhecido por elas porque, mesmo organizando todos os produtos da paixão, permaneceu desconhecido delas. João chama ainda este Salvador de Filho, Verdade, Vida e Logos feito carne, do qual vimos a glória, diz ele, e a sua glória era como aquela do Unigênito, aquela que lhe foi dada pelo Pai, cheio de Graça e de Verdade. Eis as palavras de João: “E o Logos se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai, como Filho único, cheio de graça e de verdade”.<sup>33</sup> É, portanto, com exatidão que João falou da primeira Ogdôada, Mãe de todos os Éões com os nomes de Pai e Graça, Unigênito e Verdade, Logos e Vida, Homem e Igreja. E Ptolomeu diz também assim.

### *Breve refutação*

9,1. Vês, portanto, amigo caríssimo, as invenções a que põem mãos para seduzir a si mesmos, malversando as Escrituras e os esforços que fazem para dar consistência a seus fantasmas. Foi justamente por isso que transcrevi as suas próprias expressões para que possas julgar por ti mesmo a esperteza de seus artificios e a malícia do erro. Antes de mais nada, se João tivesse o propósito de indicar a Ogdôada do alto, respeitaria a ordem das emissões. E se, como dizem, a primeira Tétrada é a mais venerável, a teria posto com os primeiros nomes e depois faria seguir a segunda, para indicar, pela seqüência dos nomes, a ordem da Ogdôada, e não mencionaria no final a primeira Tétrada, depois de intervalo tão grande como se a tivesse esquecido e a seguir se lembrado improvisamente dela. E se quisesse indicar as sizíguas não deixaria de nomear a Igreja; ou se contentaria, nas outras sizíguas, de dar o nome dos Éões masculinos, podendo ser subentendidos os femininos, para guardar perfeitamente a unidade; ou então, ao elencar as outras sizíguas devia indicar a consorte do Homem e não deixar adivinhar o nome dela.

9,2. É clara a arbitrariedade da exegese deles. João pro-clama um único Deus todo poderoso e um só Unigênito, Jesus Cristo, por meio do qual foram feitas todas as coisas; dele, diz que é o Verbo de Deus, o Filho único, a origem de todas as coisas, a verdadeira Luz que ilumina todos os homens, o criador do cosmos, aquele que veio para o que era seu, se fez homem e habitou entre nós. Eles, porém, falsificando o texto com exegese capciosa, dizem que pela emissão, outro é o Unigênito, que

também chamam Princípio, outro o Salvador, outro o Logos, filho do Unigênito, outro, finalmente, o Cristo, produzido para corrigir o Pleroma. Torcendo toda palavra da Escritura, desviando-a de seu verdadeiro significado, usando nomes de forma arbitrária, adaptando-a às suas teorias de tal forma que em tudo isso João sequer lembra nosso Senhor Jesus Cristo. Ao nomear o Pai e a Graça, o Unigênito e a Ver-dade, o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja, segundo a sua hipótese, falou da primeira Ogdôada, na qual não há Jesus nem Cristo, o mestre de João. Que não fale da sizí-gia deles, mas de nosso Senhor Jesus Cristo que ele co-nhece como o Verbo de Deus, o manifestou o próprio Apóstolo. Voltando àquele de quem disse mais acima estar no princípio, isto é, o Verbo, acrescenta: “E o Verbo se fez homem e habitou entre nós”. Ora, segundo a teoria deles, não é o Verbo que se fez carne, porque nunca saiu do Pleroma, mas o Salvador que foi produzido por todos os Éões e é posterior ao Verbo.

9,3. Aprendeí, portanto, ó insensatos, que Jesus, que sofreu por nós, que habitou entre nós é ele próprio o Verbo de Deus. Se outro Éon se fizesse homem pela nossa salvação deveríamos admitir que o Apóstolo falava de outro. Mas se o Verbo do Pai que desceu é o mesmo que subiu, único Filho do único Deus, que se encarnou em favor dos homens, segundo o beneplácito do Pai, então João não fala de Outro nem da Ogdôada, mas do Senhor Jesus Cristo. De fato, segundo eles e falando com propriedade, o Logos não se fez homem, mas o Salvador se revestiu de um corpo psíquico derivado da economia com inenarrável providência, para ser visível e palpável. A carne é a matéria antiga, plasmada da terra por Deus para Adão, e João indicou que é verdadeiramente esta que se tornou o Verbo de Deus. Com isso dissolve-se a sua primeira e fundamental Ogdôada. Uma vez demonstrado que o Logos, o Unigênito, a Vida, a Luz, o Salvador, o Cristo, o Filho de Deus que se encarnou por nós são uma única e idêntica coisa, desfaz-se a composição da Ogdôada e, desfeita esta, cai por terra toda a sua teoria, este sonho fantástico, em defesa da qual retorcem as Escrituras.

9,4. Depois de reunir frases e nomes espalhados aqui e acolá eles os transformam, como dissemos, de um sentido natural a um que não é o seu, fazendo como os que se propõem um argumento e depois procuram encontrá-lo nos versos de Homero, levando os inexpertos a acreditar que Homero compôs os versos precisamente sobre aquela teoria que eles inventaram e, por causa da seqüência bem ordenada dos versos, muitos se perguntam se Homero não seria efetivamente o autor daqueles versos. É como se alguém descrevesse com versos homéricos a missão de Hércules enviado por Euristeu para amarrar o cão infernal. Nada nos impede de usar exemplo como este, porque nos dois casos a argumentação é a mesma:

Tendo assim ele falado, foi afastado de casa, chorando  
Hércules, nobre, habituado a façanhas para sempre  
famosas,

Por este Euristeu, nascido de Estênelo, raça Perseida  
Para tirar do Érebo o cão cruel do Hades.

Ele vai como leão montanhês, confiando nas grandes suas forças  
Celeremente, através da cidade, acompanhado por todos os amigos.

As moças solteiras, os jovens e os velhos desafortunados.

Sem parar, com choro convulso, como os que vão para a morte.

E Hermes ia com eles e a de olhos cerúleos Atena:

Seu coração lhe dizia a pena que o irmão padecia.

Qual a pessoa simples que não se impressionaria com estes versos e duvidaria que Homero os tenha composto assim como são para falar daquele mito? Mas quem conhece os textos de Homero



reconheceria os seus versos, mas não o assunto tratado, porque sabe que alguns deles falam de Ulisses, outros de Hércules, outros de Príamo e outros de Menelau e Agamenon. Se os inserisse cada um no exato lugar da obra de que foram tirados, faria desaparecer o argumento em questão. Assim, quem possui a indefectível Regra da verdade aprendida no batismo reconhecerá os nomes, as expressões, as parábolas que são das Escrituras, mas não a teoria blasfema deles. Reconhecerá as pedras do mosaico, mas na figura da raposa não verá a imagem do rei. Recolocando cada uma das palavras no seu lugar, ajustadas ao corpo da verdade, desvendará e mostrará a inconsistência das suas fantasias.

9,5. Faltando a esta comédia a solução com a qual alguém explique o seu discurso destrutivo, pensamos ser necessário mostrar primeiro em que os autores desta comédia discrepam entre si, inspirados, como são, por diversos espíritos do erro. E daqui pode-se entender, mesmo antes de demonstrá-lo, que a Igreja anuncia a verdade segura e que eles propõem um amontoado de erros.

### *A Regra da fé<sup>34</sup>*

10,1. Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus; e a vinda, o nascimento pela Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu, em seu corpo, de Jesus Cristo, dileto Senhor nosso; e a sua vinda dos céus na glória do Pai, para recapitular todas as coisas e ressuscitar toda carne do gênero humano; a fim de que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos e toda língua o confesse; e execute o justo juízo de todos: enviando para o fogo eterno os espíritos do mal, os anjos prevaricadores e apóstatas, assim como os homens ímpios, injustos, iníquos e blasfemadores; e para dar em prêmio a vida incorruptível e a glória eterna aos justos, aos santos e aos que guardaram os seus mandamentos e perseveraram no seu amor, alguns desde o início, outros, depois de sua conversão.

10,2. Tendo, portanto, recebido esta pregação e esta fé, como dissemos acima, a Igreja, mesmo espalhada por to-do o mundo, as guarda com cuidado, como se morasse numa só casa, e crê do mesmo modo, como se possuísse uma só alma e um só coração; unanimemente as prega, ensina e entrega, como se possuísse uma só boca. Assim, embora pelo mundo sejam diferentes as línguas, o conteúdo da tradição é um só e idêntico. As Igrejas fundadas na Germânia não crêem e não ensinam de modo diferente, nem as da Ibéria, nem as dos celtas, nem as do Oriente, nem as do Egito, nem as da Líbia, nem as estabelecidas no centro do mundo;<sup>35</sup> mas como o sol, criatura de Deus, é em todo o mundo um só e o mesmo, assim a luz da pregação da verdade brilha em todo lugar e ilumina todos os homens que querem chegar ao conhecimento da verdade. E nem o que tem maior capacidade em falar, dentre os que presidem às Igrejas, dirá algo diferente, porque ninguém está acima do Mestre; nem quem tem dificuldade em expressar-se inferioriza a Tradição. Sendo a fé uma só e a mesma, nem quem pode dizer muito sobre ela a amplia, nem quem pode falar menos a diminui.

10,3. A exposição feita com sabedoria maior ou menor, não quer dizer que se muda a doutrina ou que se pense noutro Deus além daquele que é o Criador, Autor e Nutricio deste universo, como se ele não bastasse, ou noutro Cristo, ou noutro Filho único. Trata-se simplesmente: de indicar a maneira com que cada um procura explicar a doutrina contida nas parábolas, mostrando a sua concordância com a doutrina da verdade e de expor a maneira com que se realizou o designio salvífico de Deus; de

mostrar que Deus usou de longanimidade, quer diante da apostasia dos anjos rebeldes, quer diante da desobediência dos homens; de dar a conhecer por que o mesmo e único Deus fez algumas coisas temporais e outra eternas, por que fez os seres celestes e terrestres. A razão pela qual, sendo invisível, se manifestou aos profetas, não de uma só forma, mas de diversas; de indicar por que fez várias Alianças com a humanidade e as características de cada uma; “por que Deus incluiu todos na incredulidade para ter misericórdia de todos”;<sup>36</sup> trata-se de publicar numa ação de graças que o Verbo de Deus se fez homem e sofreu e anunciar por que a vinda do Filho de Deus se deu nos últimos tempos e não no início; de mostrar o que está nas Escrituras a respeito do fim e das realidades futuras e de não calar que Deus fez das “nações que não tinham esperança, co-herdeiras, concorporais e co-participantes dos santos”;<sup>37</sup> de proclamar que “esta carne mortal se revestirá de imortalidade e esta carne corruptível, de incorruptibilidade”;<sup>38</sup> de proclamar como “este que não era povo se tornou povo, e a que não era amada se tornou amada”; e como “os filhos da que era estéril se tornaram mais numerosos do que os da casada”.<sup>39</sup> É em casos co-mo estes e semelhantes que o Apóstolo exclama: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são imperscrutáveis seus juízos e impenetráveis os seus caminhos”!<sup>40</sup> Não se trata, portanto, de imaginar erradamente acima do Criador e Demiurgo uma Mãe para este e para aqueles, que seria a Entímese de um Éon degradado; e de chegar a tal excesso de blasfêmia e, mentindo, imaginar novamente acima dela o Pleroma que abrangeria ora os 30 Éões ora multidões inumeráveis deles. Pois assim se exprimem estes mestres que não têm nada de ciência divina, essa que a verdadeira Igreja possui numa só e única fé, e pelo mundo inteiro, como dissemos acima.

## VARIANTES AO SISTEMA FUNDAMENTAL

### *Valentim*

11,1. Vejamos agora as inconstantes doutrinas deles. São duas ou três, e como falam de forma diferente sobre as mesmas coisas e, servindo-se de nomes iguais, indicam objetos diferentes. Valentim é o primeiro a adaptar as doutrinas tiradas da heresia gnóstica ao caráter próprio da sua escola que fixou assim: há uma Díada inefável, um dos elementos chama-se Inexprimível, o outro Silêncio. Esta Díada emitiu outra Díada, um elemento dela chama-se Pai e o outro Verdade. Esta Tétrada frutificou o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja: eis então formada a primeira Ogdôada. Do Logos e da Vida emanaram dez Potências: uma delas se afastou, foi degradada e fez o restante da obra da fabricação. Valentim estabelece depois dois Limites, um entre o Pleroma e o Abismo que separa os Éões gerados do Pai ingênito e o outro que divide a sua Mãe do Pleroma. O Cristo não foi produzido pelos Éões que estão no Pleroma, mas pela Mãe que estava fora dele e se lembrava das realidades superiores, mas não sem alguma sombra. Sendo o Cristo masculino, tirou de si mesmo esta sombra e voltou para o Pleroma. A Mãe, então, deixada na sombra e esvaziada da substância pneumática, gerou outro filho, o Demiurgo, onipotente sobre todas as coisas submetidas a ele. E diz, de forma semelhante àquela dos que nós chamaremos gnósticos, que, junto com ele, foi também gerado um Arconte da esquerda. Quanto a Jesus, ele o faz derivar ora do Éon que se separou da Mãe e se reuniu com os outros, isto é, Desejado; ora daquele que voltou ao Pleroma, isto é, Cristo; ora do Homem e da Igreja. Diz que o Espírito Santo foi emitido pela Verdade para julgar e fecundar os Éões, entrando invisivelmente neles e por seu meio os Éões produziram frutos de verdade. Isto é o que ensina Valentim.

### *Secundo*

11,2. Outro, chamado Secundo, ensina que a primeira Ogdôada abrange uma Tétrada da direita e uma da esquerda, uma é a Luz, outra as Trevas. A Potência que se afastou e foi degradada, diz que não deriva dos 30 Éões, mas de seus frutos.

### *Um anônimo*

11,3. Outro ilustre mestre deles, dotado de gnose mais sublime e profunda, expõe assim a primeira Tétrada: existe, antes de todas as coisas, um Pró-princípio pró-ininteligível, inexprimível e inominável que chamo Unicidade. Com ele está uma Potência que chamo Unidade. Estas, Unicidade e Unidade, que são uma coisa só, emitiram, sem emitir, um Princípio inteligível, ingênito e invisível, ao qual dou o nome de Mônada. Com esta Mônada está uma Potência da mesma substância, que chamo Um. Estas Potências, isto é, Unicidade e Unidade, Mônada e Um, emitiram os restantes Éões.

### *Ironia*

11,4. Ah! ah! eh! eh! Valem estas exclamações trágicas diante desta audácia em inventar nomes e aplicá-los des-pudoradamente a esta mentirosa invenção. Com efeito, quando diz: existe antes de todas as coisas um Pró-prin-cípio pró-ininteligível que chamo Unicidade e com ele está uma Potência que chamo Unidade, mostra claramente que são ficção todas as palavras que pronunciou e que deu a estas ficções nomes que ninguém antes dele lhes deu. Se não tivesse esta ousadia, segundo ele, ainda hoje a verdade estaria sem nome. Por isso, nada impede que outro qualquer, ao tratar deste assunto, use estes nomes: existe certo Pró-princípio soberano pró-esvaziado-de-inteligi-bilidade, pró-esvaziado-de-substância e Potência pró-pró-dotada-de-esfericidade, que chamo Abóbora. Junto com esta Abóbora coexiste uma Potência que chamo Super-vacuidade. A Abóbora e a Super-vacuidade, sendo um só, emitiram sem emitir um Fruto visível de qualquer lugar, comestível e saboroso, ao qual dou o nome de Pepino. Junto com este Pepino existe uma Potência da mesma substância, que chamo Melão. Estas Potências, isto é, Abóbora e Super-vacuidade, Pepino e Melão, emitiram a multidão restante dos Melões delirantes de Va-lentim. Com efeito, se é necessário ajustar a fala comum à primeira Tétrada e se cada um escolhe os nomes que quer, o que impede usar estes nomes muito mais inteligíveis, usuais e conhecidos de todos?

### *Outros anônimos*

11,5. Outros deles, ainda, deram estes nomes à primeira e primitiva Ogdôada: ao primeiro elemento Proto-princípio, ao segundo Ininteligível, ao terceiro Inexprimível e ao quarto Invisível. Inicialmente, do primeiro Proto-princípio derivou o primeiro Princípio, que ocupa o quinto lugar; a seguir, do Ininteligível derivou o segundo, o Incompreensível que ocupa o sexto lugar; depois, do Inexprimível derivou o terceiro, o Inefável, que ocupa o sétimo lugar; e do Invisível derivou o quarto, o Ingênito, que ocupa o oitavo lugar. E assim se completou a primeira Ogdôada. Estas Potências viriam antes do Abismo e do Silêncio. Eles dizem isso para se mostrarem mais perfeitos do que os perfeitos e mais gnósticos do que os gnósticos. E alguém justamente poderia dizer isso a eles: “Pobres Melões, sofistas desprezíveis, que sequer homens são!” Acerca do próprio Abismo há também entre eles várias opiniões: alguns dizem que não tem sizígia porque não é nem masculino nem feminino, nem absolutamente nada; outros dizem-no masculino e feminino ao mesmo tempo, e lhe atribuem natureza hermafrodita; outros ainda lhe atribuem o Silêncio como esposa, para formar assim a primeira sizígia.

### *Escola de Ptolomeu*

**12,1.** Os mais instruídos dos discípulos de Ptolomeu dizem que o Abismo tem duas esposas que chamam Disposições, isto é, Pensamento e Vontade. Como primeira coisa pensou o que devia emitir e depois o quis. Por isso, destas duas Disposições ou Potências, isto é, Pensamento e Vontade, misturadas e unidas, por assim dizer, uma à outra, houve a emissão do Unigênito e da Verdade. Eles são o tipo e a imagem visível das duas Disposições in-visíveis do Pai. O Unigênito reproduz a Vontade e a Verdade o Pensamento; por isso o masculino, princípio gerante, é imagem da Vontade e o feminino, princípio passivo, é imagem do Pensamento. A Vontade se tornou como que o poder do Pensamento: desde sempre ele pensava na emissão, mas era incapaz de fazê-lo sozinho. Quando sobreveio o poder da Vontade emitiu o que tinha pensado.

**12,2.** Não te parece, meu caro amigo, que esta gente concebeu em seu espírito mais o Júpiter de Homero, todo preocupado por que não consegue pegar no sono, pensando como haveria de fazer para honrar Aquiles e fazer perecer uma multidão de gregos, do que no Senhor de todas as coisas? O qual ao pensar as coisas as realizou e quando as quer, ao mesmo tempo as pensa: pensando quer e querendo pensa, porque é todo Pensamento, todo Vontade, todo Intelecto, todo Luz, todo Olho e Ouvido, todo Fonte de todos os bens.

**12,3.** Os que são tidos como os mais sábios dentre os sábios deles dizem que a primeira Ogdôada não foi emitida gradativamente, Éon após Éon, mas ao mesmo tempo, como unidade, pelo Protoprincípio e seu Pensamento. Dizem isso como quem assistiu ao parto deles como obstetras. Segundo eles, não foram o Logos e a Vida que emitiram o Homem e a Igreja, mas foram o Homem e a Igreja que emitiram o Logos e a Vida, da forma seguinte: quando o Protoprincípio pensou em emitir algo, isso recebeu o nome de Pai e, depois da emissão, sendo isso veraz, recebeu o nome de Verdade. Quando se quis manifestar, isso recebeu o nome de Homem, e quando emitiu os que tinha pensado anteriormente, a eles deu o nome de Igreja. O Homem pronunciou o Logos, que é o Filho primogênito, e ao Logos seguiu a Vida: assim foi completada a primeira Ogdôada.

**12,4.** Surgem depois, entre eles, bastante controvérsias acerca do Salvador. Alguns dizem que ele foi emitido por todos os Éões, motivo pelo qual se chama Beneplácito. Com efeito, todo o Pleroma teve o prazer de glorificar o Pai por meio dele. Outros o fazem derivar só dos dez Éões emitidos pelo Logos e pela Vida e por isso ele conserva o nome de Logos e Vida, que era o dos pais. Alguns o fazem derivar dos doze Éões emitidos pelo Homem e a Igreja e é por isso que ele proclama a si mesmo Filho do Homem, como descendente deste Homem. Outros fazem-no derivar do Cristo e do Espírito Santo, criados para consolidar o Pleroma, e por isso ele se chama Cristo, do nome do Pai que o emitiu. Alguns dizem que é o próprio Pró-pai de todas as coisas, o Pró-princípio, o Pró-inteligível, que se chama Homem: este é o grande mistério escondido, isto é, a Potência que está acima de tudo e tudo abrange e se chama Homem e é por isso que o Salvador se chama Filho do Homem.

#### A. Comportamento imoral

##### *Doutrina de Marcos*

**13,1.** Outro, entre eles, que se gaba de corrigir o mestre, chamado Marcos, expertíssimo na arte mágica com a qual seduzia muitos homens e não poucas mulheres, atraindo-os a si como ao gnóstico e perfeito por excelência, e como detentor da Potência suprema provinda de lugares invisíveis e indescritíveis, é como que o verdadeiro precursor do Anticristo. Misturando os jogos de Anaxilau com as malícias dos assim chamados magos se faz passar por milagreiro aos olhos daqueles que nunca possuíram discernimento ou então o perderam.



**13,2.** Fingindo consagrar no cálice uma bebida misturada com vinho e pronunciando longas invocações, a faz aparecer de cor púrpura ou vermelha. Assim, pode-se pensar que a Graça, por causa da sua invocação, depositou na-quele cálice o seu sangue, vindo das regiões supernas. Os que assistem desejam provar da bebida para que se der-rame também neles a Graça invocada por este mágico. Depois, apresentando aquela mistura de bebida às mulheres, ordena que elas dêem graças, na sua presença. Fei-to isto, pega num cálice muito maior do que aquele sobre o qual a extraviada deu graças e, transferindo a bebida do cálice menor, sobre o qual foi feita a eucaristia, para aque-le bem maior que ele de antemão preparara, pronuncia estas palavras: Aquela que está antes de todas as coisas, impensável e inexprimível Graça, encha a tua pessoa interior, multiplique em ti a sua gnose, semeando o grão de mostarda em terra boa. Aquela infeliz, fora de si de estupor ante estas palavras, julga prodígio o fato de o cálice maior ser enchido pelo menor até derramar. Com esta e outras mágicas semelhantes seduziu e atraiu muitos a segui-lo.

**13,3.** Ele dá a entender que teria um demônio como assistente que o faz profetizar, a ele e a todas aquelas mu-lheres que julgar dignas de participar da sua Graça. Dedi-ca-se de modo especial às mulheres, e, entre elas, especialmente às mais nobres, intelectuais e ricas, cujas vestes são enfeitadas de púrpura, que lisonjeia, procurando atraí-la com estas palavras: Quero que participes da minha Graça, porque o Pai de todos vê sempre o teu Anjo diante dele. Mas o lugar da tua grandeza está em nós, por isso devemos formar uma coisa só. Recebe primeiramente de mim e por meu intermédio a Graça. Prepara-te como esposa que espera pelo esposo para seres o que eu sou e eu seja o que tu és. Dá lugar na tua cama nupcial à semente da Luz. Recebe de mim o Esposo, dá-lhe lugar em ti, toma-o e sejas tomada por ele. Eis que a Graça desce em ti: abre a boca e profetiza. A mulher responde: Eu nunca profetizei, nem sei profetizar. Então ele repete algumas invocações que arrebatam a infeliz seduzida e diz: Abre a boca, diz qualquer coisa e profetizarás. E aquela, excitada por estas palavras e sentindo ferver na alma a ilusão de come çar a profetizar e o coração pulsar mais forte do que de cos-tume, anima-se e se põe a profetizar todas as tolices que lhe vêm à cabeça, sem sentido e sem hesitar, justamente por ser inflamada por espírito vazio. Alguém, melhor do que nós, disse a propósito dessa gente: audaciosa e impudente é a alma aquecida por vãos vapores. A partir deste momento ela julga ser profetisa e agradece a Marcos por torná-la participante da sua Graça e procura recompensá-lo não somente doando-lhe os seus bens (é daqui que vêm as gran-des riquezas deste homem), mas também o seu corpo, de-sejando unir-se em tudo a ele para formar com ele o Uno.

**13,4.** Ora, algumas mulheres mais fiéis, tendo o temor de Deus, não se deixaram enganar, quando tentou seduzi-las como as outras; ordenando-lhes que profetizassem, romperam, com insultos e maldições, com este demente que fingia comunicar o espírito divino. Elas sabiam perfeitamente que o poder de profetizar não é o mágico Marcos que o dá aos homens, e sim Deus que confere do alto a graça e o dom divino da profecia e os homens que o recebem falam onde e como ele quer e não quando Marcos o ordena. Quem manda é maior e mais poderoso de quem é mandado, porque aquele governa e este obedece. Se um Marcos qualquer ou outro dão ordens, como costuma fazer nos seus jantares, toda essa gente brincando de oráculos, ordenando uns aos outros profetizarem coisas que são do seu desejo, então aquele que manda deve ser maior e mais poderoso do que o Espírito profético, mesmo sendo homem, o que é impossível. Mas os espíritos que recebem ordens deles, que falam quando eles querem, são terrenos e fracos, temerários e irreverentes, são enviados por Satanás para seduzir e arruinar os que não sabem guardar firmemente a fé que receberam no princípio através da Igreja.

**13,5.** Este mesmo Marcos serve-se ainda de filtros e poções para violentar também os corpos, se

não de todas estas mulheres, pelo menos de algumas. Muitíssimas vezes, depois de se terem convertido à Igreja de Deus, elas confessaram que foram violentadas por ele e que, tomadas violentamente pela paixão, o amaram intensamente. A um diácono nosso que vive na Ásia e o acolheu em sua casa, aconteceu desgraça semelhante. A esposa dele, mulher bonita, foi corrompida na mente e no corpo por este mágico e o seguiu por bastante tempo, até que os irmãos, com grandes esforços, a converteram. Ela passou o resto de seus dias na penitência, chorando e lamentando a corrupção sofrida por este mágico.

**13,6.** Alguns dos seus discípulos, perambulando pelos mesmos lugares, seduziram e corromperam muitas mulheres, autodenominando-se perfeitos como se ninguém pudesse comparar-se à grandeza de sua gnose, nem Paulo, nem Pedro, nem outro apóstolo, porque eles teriam conhecimento superior ao de todos e somente eles assimilaram a grandeza do conhecimento da Potência inefável. Eles estariam na altura, acima de toda Potência, por isso podem fazer livremente qualquer coisa, sem que nada os atemorize minimamente, e graças à redenção tornam-se incompreensíveis e invisíveis ao Juiz. E se por acaso ele os surpreendesse, apresentar-se-iam munidos da redenção e se defenderiam com estas palavras: “Ó Assistente de Deus e do místico Silêncio, anterior aos Éões, tu és aquele por quem as Grandezas, que contemplam sempre o rosto de Deus e, tendo-te como guia e acompanhante, recebem a forma do alto; formas que a Mulher com grande ousadia, levada por uma inspiração, nos conferiu, por causa da bondade do Pró-pai, como imagens daquelas Potências que ela tinha presentes, como que em sonho: eis que o Juiz está próximo, eis que o arauto te ordena que me defendas. Tu que conheces as razões de nós dois, apresenta a defesa ao Juiz, como se fôssemos um”. Ao ouvir isso, logo a Mãe lhes impõe o homérico capacete do Hades para fazê-los desaparecer da vista do Juiz, e os introduz na câmara nupcial e os restitui ao cônjuge deles.

**13,7.** Com este modo de agir e falar seduziram muitas mulheres também na nossa região do Ródano e elas ficaram marcadas na consciência de tal forma que algumas fizeram penitência pública, outras, que não tinham coragem para isso, retiraram-se na solidão, desesperando da vida de Deus. Enquanto umas se afastaram completamente, outras hesitaram e provaram o que diz o provérbio, não estando nem dentro nem fora, e ficaram com o fruto da semente dos filhos da gnose.

## B. Doutrinas sobre a primeira Tétrada

**14,1.** Este Marcos, portanto, dizendo que só ele, por ser Unigênito, é o seio e o receptáculo do Silêncio de Colabar-so, afirma que emitiu desta forma a semente nele depositada: a Tétrada que está acima de tudo, desceu a ele dos lugares invisíveis e inefáveis, na forma de mulher, porque, diz ele, o mundo não podia suportar o elemento masculino dela, mostrou-se-lhe assim como era, e manifestou somente a ele a origem de todas as coisas que nunca tinha revelado a ninguém, quer fosse deus quer homem. E lhe disse: Quando, no princípio, o Pai que não tem pai, que é inconcebível e sem substância, que não é masculino nem feminino, quis que o inefável dele pudesse ser expresso e o que é invisível se tornasse visível, abriu a boca e proferiu o Verbo, semelhante a ele. Este Verbo se postou a seu lado e mostrou-lhe o que era: a forma do invisível que se manifestava. A enunciação do nome se deu assim: disse a primeira parte do nome, composta por quatro letras; acrescentou a segunda, também de quatro letras; depois disse a terceira, de dez letras e, por fim, a seguinte, de doze letras. A enunciação do nome completo é formada por trinta letras e quatro sílabas. Cada um destes elementos tem as suas letras, o seu caráter, sua pronúncia, seus traços e suas imagens e nenhum deles percebe a forma total de que não é senão um elemento. E não somente isso eles não sabem, mas cada um ignora a enunciação do seu vizinho. E quando pronunciam o seu nome acreditam exprimir o Tudo.

Cada um deles, que é uma parte do Todo, diz o seu nome como se fosse o do Todo e não pára de proferi-lo até que chegue à última letra da última sílaba. Então, diz ele, acontecerá a reintegração universal, quando todos chegarem a uma só letra e a um único som; e o símbolo da exclamação é o Amém que juntos dizemos. Estes são os sons que formam o Éon sem substância e ingênito; eles são as formas que Deus chamou Anjos e vêem sem interrupção o rosto do Pai.

14,2. Aos elementos comuns e exprimíveis deu o nome de Éões, Lógoi, Raízes, Sementes, Pleromas, Frutos. Tudo o que lhes é próprio e característico é abrangido no nome Igreja. A última letra do último destes elementos emitiu a sua voz e este som gerou elementos próprios à imagem dos elementos do Tudo. Por eles foram dispostas as coisas presentes e criadas as antecedentes. A própria letra cujo som seguia ao som anterior foi novamente recolhida pela sua sílaba, para que o Tudo permanecesse completo; mas o som ficou embaixo, como lançado fora. O próprio elemento do qual caiu a letra com a sua enunciação consiste de outras trinta; cada uma destas contém em si outras trinta que formam o nome da letra. Por sua vez as outras letras são designadas com o nome de outras letras, e estas de outras, assim até o infinito. Por um exemplo compreenderás com maior clareza o que quero dizer: o elemento “delta” é composto por cinco letras, isto é, *delta*, *épsilon*, *lambda*, *tau* e *alfa*, e estas são escritas com outras letras, e assim a seguir. Ora, se com a letra *delta* considerada na sua integridade se vai ao infinito, pois uma letra gera sempre outra e se sucedem umas às outras, quanto maior do que este elemento é o mar de todas as letras! E se uma só letra é assim infinita, pensa por um momento no abismo de todo o nome das letras de que consta, segundo o Silêncio de Marcos, o Pró-pai. Por isso o Pai, cômico da sua incompreensibilidade, concedeu aos elementos chamados Éões, proferir cada um a sua própria enunciação, na impossibilidade de um só enunciar o Tudo.

14,3. Depois de lhe ter exposto estas coisas, a Tétrada disse: quero mostrar-te a própria Verdade. Eu a fiz descer dos mundos superiores para que a vejas nua e admires a sua beleza, a ouças falar e admires a sua sabedoria. Olha a sua cabeça, no alto, primeiramente, o *alfa* e o *ômega*; o pescoço, *beta* e *psi*; os ombros e as mãos, *gama* e *qui*; o peito, *delta* e *fi*; o tronco, *épsilon* e *ípsilon*; o ventre, *zeta* e *tau*; as genitálias, *eta* e *sigma*; os fêmures, *teta* e *rô*; os joelhos, *iota* e *pi*; as pernas, *capa* e *ômicron*; os tornozelos, *lambda* e *csi*; os pés, *mi* e *ni*.<sup>41</sup> Este é o corpo daquela Verdade, segundo o mago, este o aspecto do elemento, o caráter da letra. A este elemento dá o nome de Homem e diz que é o princípio de todo o Logos, fonte de toda voz, expressão de todo o Inefável, a boca do taciturno Silêncio. Eis o corpo dela. Tu, porém, elevando mais ao alto a inteligência de tua mente, escuta da boca da Verdade o Verbo gerador de si mesmo e doador do Pai.

14,4. Tendo a Tétrada dito isto, a Verdade olhou para Marcos e abrindo a boca pronunciou uma palavra; a palavra se tornou nome, e o nome que conhecemos e pronunciamos é este: Jesus Cristo. Mal acabara de a pronunciar, calou-se. Marcos pensava que ela diria mais alguma coisa, mas a Tétrada, aproximando-se, disse-lhe: Consideraste como insignificante a palavra que escutaste da boca da Verdade. Não é o nome que conheces e julgavas possuir. Tu possuis o som dele, mas ignoras o seu poder. Jesus é nome insigne, composto de seis letras (em grego), conhecido de todos os chamados. Mas o nome que tem entre os Éões do Pleroma, sendo composto de muitas partes, é de outra espécie, de outro tipo, e é conhecido só por aqueles que são da mesma raça e cujas Grandezas estão sempre diante dele.

14,5. Deves entender que as vinte e quatro letras que usais são o símbolo das três Potências que compreendem o número total dos elementos do alto. As nove letras mudas são o símbolo do Pai e da Verdade, porque são áfonas, isto é, inexprimíveis e inefáveis. As oito semivogais são o símbolo do Logos e Zoé e estão no meio, entre as mudas e as vogais, e recebem a emanção das que lhes estão

acima e a elevação das de baixo. As sete vogais são o símbolo de Homem e de Igreja, porque a Voz formou todas as coisas passando pelo Homem. De fato foi o som da Voz que lhes deu a forma. O Logos e Zoé têm, portanto, o número 8, o Homem e a Igreja o 7; o Pai e a Verdade o 9. Como a soma era menor e incompleta, aquele que estava junto ao Pai desceu, enviado lá de onde se separara, para corrigir o defeito das coisas e para que a unidade do Pleroma, possuindo a igualdade, frutificasse em todos e produzisse uma Potência que deriva de todos. Assim o número sete recebeu o valor de oito e ficaram três Lugares semelhantes, pelo número, às Ogdôadas que vindo três vezes sobre si mesmas apresentam o número vinte e quatro. Os três elementos que, segundo Marcos, estão em sizígia com as três Potências, portanto seis, donde derivaram vinte e quatro letras, que multiplicadas por quatro, número da inefável Tétrada, produzem o mesmo número: elas pertencem ao Inefável, mas são revestidas das três Potências à semelhança do Invisível. Imagens das Imagens destes elementos são as nossas letras duplas, que somadas, em virtude da analogia, às outras vinte e quatro dão o número trinta.

14,6. O fruto deste cálculo e desta economia, diz ele, apareceu na imagem simbólica naquele que, depois de seis dias, subiu em quarto lugar ao monte, tornou-se sexto, desceu e foi retido na Hebdômada, mesmo sendo Ogdôada perfeita e tendo em si o número de todos os elementos. A pomba, que é alfa e ômega, indicou o mesmo número quando da sua descida no batismo: seu número é 801. Por isso Moisés disse que o homem foi criado no sexto dia e também a economia. Sabendo o intelecto perfeito que o número seis tem o poder de criação e regeneração, manifestou aos filhos da luz a regeneração que se cumpriu por meio do número que se refere a ele. Daqui Marcos conclui que as letras duplas têm aquele número insigne: com efeito, somado aos 24 elementos perfaz o número de 30 letras.

14,7. E teve como ajudante a Grandeza dos sete números, como diz o Silêncio de Marcos, para manifestar os frutos do pensamento concebido por ele. Por este número especial, diz ele, debes entender o que ele simboliza, o qual, como que dividido em três partes, ficou fora e no próprio poder e sabedoria, mediante a sua emissão, animou este mundo das sete Potências, à imitação da potência da Hebdômada, e deu aquela que parece a alma a este universo visível. Serve-se ele também desta obra feita como que espontaneamente por ele enquanto as outras coisas servem à Entímese da Mãe, sendo imitações de coisas inimitáveis. O primeiro Céu ecoa o alfa, o seguinte o épsilon, o terceiro o eta, o quarto, intermédio entre os sete, narra a potência do iota, o quinto o ómicron, o sexto o ípsilon, o sétimo e quarto a partir do mediano, ecoa a última letra, o ômega, como o Silêncio de Marcos que se exprime com muita loquacidade mas sem dizer nada de verdadeiro.<sup>42</sup> Tais Potências juntas, diz ele, e abraçadas umas às outras, cantam e glorificam a glória que as emitiu e o canto triunfal eleva-se ao Pró-pai. O eco desta glorificação, trazido à terra, torna-se, segundo ele, o plasmador e gerador do que está na terra.

14,8. Alega como argumento que a alma dos recém-nascidos, ao sair do seio materno, emite o som de cada um destes elementos. Assim como as sete Potências, afirma, glorificam o Logos, também a alma dos recém-nascidos, chorando e vagindo, glorificam a Marcos. Por isso Davi disse: “Da boca dos lactentes e infantes preparaste o louvor”, e ainda: “Os céus narram a glória de Deus”.<sup>43</sup> Por isso a alma que estava nas dores e nas contrariedades ao ser libertada delas diz:  $\omega$  (ômega), em sinal de louvor para, que a alma do alto reconheça a sua parente e lhe envie a sua ajuda.

14,9. Desta maneira delirou acerca da totalidade do nome composto de trinta letras; do Abismo que aumenta com suas letras; do corpo da Verdade que tem doze membros, cada um composto de duas letras; da voz que emitiu sem emiti-la; da explicação do nome que não foi dito; da alma do

mundo e do homem, naquilo que são imagens da economia. A seguir falaremos do modo com que a Tétrada deles revelou, a partir dos nomes, a igualdade da potência, para que nada te fique oculto, ó caríssimo, de tudo o que dizem e chegou até nós, como nos pediste repetidas vezes.

### C. Proliferação do Silêncio

**15,1.** É assim que seu muitíssimo sábio Silêncio anuncia a geração dos vinte e quatro elementos: com a Unicidade estava a Unidade e delas houve duas emissões, como já dissemos, isto é, a Mônada e o Um que, duplicando-se, ficaram quatro, pois duas vezes dois dá quatro. Em seguida, dois e quatro, somados, formam o número seis. Este seis multiplicado por quatro gera as vinte e quatro formas. Os nomes santíssimos da primeira Tétrada, inteligíveis mas inefáveis, são conhecidos somente pelo Filho e o Pai sabe de que natureza são. Os outros pronunciados por ele com gravidade, respeito e fé são estes: Inefável e Silêncio, Pai e Verdade. O número total desta Tétrada é de vinte e quatro letras, em grego: Inefável (*Árretos*) tem 7, Silêncio (*Sigé*) 5, Pai (*Patér*) 5, e Verdade (*Alétheia*) 7; somando-se duas vezes cinco e duas vezes sete dão o total de vinte e quatro. Da mesma forma a segunda Tétrada: *Lógos* (Logos) e *Zoé* (Vida), Homem (*Ánthropos*) e Igreja (*Ekklesia*), tem o mesmo número de elementos. O nome exprimível do Salvador (*Iesous*) é de seis letras, o inexprimível de vinte e quatro. Os nomes Filho Cristo (*Yihòs Chreistós*) têm doze letras, mas o que é inexprimível de Cristo tem trinta letras. Por isso Marcos diz que ele é alfa e ômega (= 801), para indicar a pomba (*peristerá*), ave que tem este número.

**15,2.** Jesus tem, diz ele, esta origem inefável. Da Mãe de todas as coisas, isto é, da primeira Tétrada, teve origem, como filha, a segunda e se formou a Ogdôada da qual derivou uma Década e assim se formou o número dezoito. Ora, a Ogdôada multiplicada por dez produziu o número oitenta, multiplicada outra vez por dez deu oitocentos, de forma que o número total das letras que se forma dos produtos das Ogdôadas pelas Décadas é oito, oitenta e oitocentos (888), isto é, Jesus (*Iesous*). Jesus, conforme os números correspondentes às letras gregas, dá como total 888. Eis claramente, segundo eles, a origem supraceleste de Jesus. Por isso o alfabeto grego tem oito unidades, oito dezenas, oito centenas que indicam o número 888, isto é, Jesus, que se compõe de todos os números e é chamado alfa e ômega, que significam a sua origem de todos. E ainda desta maneira: somando-se progressivamente os números da primeira Tétrada, aparece o número 10; de fato  $1+2+3+4=10$ . Este número, representado pelo *iota*, ele o identifica com Jesus. Diz também que Cristo (*Chreistós*) tem oito letras e que por meio delas é indicada a primeira Ogdôada que, combinada com o número 10, produziu o número 888. Diz-se ainda, acrescenta ele, Filho Cristo, e temos a Duodécada: *Yihòs* tem quatro letras e *Chreistós* oito, que somadas mostram a grandeza da Duodécada. Antes que o número insigne deste Nome, isto é, Jesus, aparecesse aos filhos, os homens encontravam-se em grande ignorância e erro, mas quando foi manifestado o nome com seis letras, revestido de carne para descer até a sensibilidade do homem, tendo em si mesmo o seis e o vinte e quatro, então os que o conheceram deixaram de ser ignorantes e passaram da morte à vida, porque este nome se tornou para eles o caminho que os conduziria ao Pai da Verdade. O Pai de todas as coisas, com efeito, decidiu eliminar a ignorância e destruir a morte. Ora, a eliminação da ignorância era a gnose do Pai. Por isso foi escolhido o homem estabelecido na sua vontade à imagem da Potência do alto.

**15,3.** Da Tétrada originaram-se os Éões e nela estavam o Homem e a Igreja, o Logos e a Zoé. Destes, portanto, foram emitidas Potências que geraram aquele Jesus que apareceu sobre a terra. Gabriel assumiu o lugar do Logos, o Espírito Santo o da Zoé, o Poder do Altíssimo o do Homem e a Virgem o da Igreja. Assim, segundo ele, o homem econômico foi gerado por meio de Maria, e,



passando pelo seio dela, o Pai de todos o elegeu por meio do Logos para que fosse conhecido por ele. Vindo à água, desceu sobre ele, na forma de pomba, Aquele que subiu ao alto e completou o número doze. Nele estava a semente daqueles que foram semeados com ele e com ele desceram e subiram. Chamou semente do Pai à potência que desceu porque tinha nela o Pai, o Filho e a potência indizível do Silêncio conhecida por meio deles e todos os Éões. Este seria o Espírito que falou pela boca de Jesus, que se declarou Filho do homem e revelou o Pai, que desceu sobre Jesus e se uniu a ele. Destruiu a morte, diz Marcos, aquele que foi constituído pela economia Salvador Jesus e Cristo Jesus fez conhecer seu Pai. Jesus é o nome daquele que foi constituído homem pela economia e posto como semelhança e forma daquele Homem que devia descer nele. Quando o recebeu, recebeu também o próprio Homem e o próprio Logos, o Pai, o Inefável, o Silêncio, a Verdade, a Igreja e a Zoé.

**15,4.** Tudo isso supera os ais e os ai de mim! e todas as exclamações trágicas e interjeições de dor. Quem não desprezaria este poeta e artífice de mentiras ao ver, por obra de Marcos, a Verdade transformada em ídolo e marcada pelas letras do alfabeto? Tanto recentemente como desde as origens, ontem ou antes, como se costuma dizer, os gregos afirmam que no início receberam de Cadmos 16 letras do alfabeto e que depois, com o passar do tempo, eles mesmos inventaram, quer as aspiradas, quer as duplas e que recentemente, por último, Palámedes acrescentou as longas. Ora, antes de isso acontecer entre os gregos, não podia existir a Verdade. Porque és tu, Marcos, que o dizes: seu corpo é posterior ao tempo de Cadmos e seus anteces-sores, posterior ao dos que acrescentaram as outras letras, posterior também a ti: com efeito, somente tu re-baixaste a ídolo a Verdade anunciada por ti.

**15,5.** Haverá quem possa admitir o teu Silêncio tão loquaz, que nomeia o Éon inefável, que expõe o invisível, que perscruta o imperscrutável? Como podes dizer que abriu a boca quem não tem corpo nem forma e que pro-nunciou um verbo semelhante a qualquer vivente, invisível na forma, de trinta letras e quatro sílabas? Será, portanto, semelhante ao Logos o Pai de todas as coisas, que tu dizes ser composto de trinta letras e quatro sílabas? Quem poderá entender como teu esquema e teus números, que ora são trinta, ora vinte e quatro, ora somente seis, abrangem o Criador, o Demiurgo, o Autor do Verbo de Deus, ao reduzires a quatro sílabas e trinta letras? Ao rebaixares o Senhor de todas as coisas, aquele que firmou os céus, ao número 888, como fizeste com as duas letras extremas do alfabeto? Ao dividires até o Pai, que contém tudo e nada o pode conter, em Tétrada, Ogdôada, Década e Duodécada, e servindo-te de tais multiplicações do Pai que, como tu dizes, é o inexprimível e o inconcebível? Quando, para o que dizes sem corpo e sem substância, crias uma matéria e substância com muitas letras ge-radas umas das outras, tornando-te falso Dédalo e artífi-ce incompetente da Potência mais sublime? Ao dividires a substância, que afirmas indivisível, em letras mudas, vogais e semivogais, e atribuires ao Pai e à sua Entímese, dentre todas as letras, as mudas? As tuas mentiras le-varam todos os que acreditam em ti às maiores blasfêmias e à impiedade máxima.

**15,6.** Portanto, aplicam-se justamente à tua temerarida-de as invectivas que o velho Arauto da Verdade, inspirado do alto, dirigia-te nestes versos:

Artífice de ídolos és, Marcos, ilusionista  
Experto na arte mágica e na astrologia;  
Com eles confirmas erros de doutrina  
Apresentando prodígios aos que são enganados por ti,  
Obras daquela Potência apóstata  
Que teu pai Satanás te concede

Fazer pelo demoníaco poder de Azael, que tem em ti  
O precursor da funesta maldade contra Deus.

Estas as palavras do ancião que amava a Deus. Quanto a nós, tentaremos expor-te brevemente a longa seqüela de mistérios e tornar manifesto o que esteve escondido por muito tempo: poderão assim mais facilmente ser detestadas e condenadas por todos.

#### D. Os números, substância das coisas

**16,1.** Juntando a geração dos Éões, o desgarramento e o reencontro da ovelha, eles, que reduzem tudo a números, ousam afirmar misticamente que tudo consta de mônada e díada. Somados sucessivamente os números de um a quatro geram a Década:  $1+2+3+4$  produzem o número dos dez Éões. Por sua vez, a Díada, a partir dela e progredindo até o número insigne,  $2+4+6$ , mostra a Duodécada. Novamente somando da díada até dez aparece o número trinta em que estão contidas a Ogdôada, a Década e a Duodécada. À Duodécada, que tem como final o número insigne e por causa dele, dão o nome de paixão. Tendo acontecido uma queda no número doze, a ovelha que saiu, perdeu-se, porque a deserção se deu a partir da Duodécada. Do mes-mo modo é oráculo deles que uma Potência se separou da Duodécada e perdeu-se, e seria a mulher que perdeu a dracma, acendeu a lucerna e a encontrou.<sup>44</sup> Assim os números que restaram, o nove da dracma e o onze da ovelha, multiplicados entre si deram noventa e nove que é o resultado de  $9 \times 11$ . Eis por que a palavra *Amén* tem este número.

**16,2.** Não quero deixar de referir-te também outras interpretações deles para que possas contemplar, de todos os lados, os seus frutos. A letra eta, contando o número insigne (sigma = 6), seria a oitava por estar no oitavo lugar, a partir do alfa; em seguida, somando os números destas letras, tirando o sigma ( $1+2+3+4+5+6+7+8-6=30$ ), eles obtêm como resultado trinta. Com efeito, somando-se todos os números do alfa ao eta, tirando o número insigne, encontra-se o trinta. Até a letra épsilon o valor das letras é quinze; acrescentando-se sete dá vinte e dois; acrescentando-se oito completa-se a admirável Triacôntada. Com isso querem provar que a Ogdôada é a Mãe dos trinta Éões. Visto que o número trinta é composto pelas três potências (8,10,12) somadas, multiplica-se por três e dá noventa. O três multiplicado por si mesmo produz o nove. Assim a Ogdôada gerou o número noventa e nove. E porque o décimo segundo Éon, afastando-se, deixou lá em cima os onze, a forma das letras foi disposta convenientemente para formar a figura do Logos. A décima primeira letra é o lambda, que é o número trinta, e foi disposta à imagem da economia do alto: porque somando progressivamente o valor numérico das letras, do alfa ao lambda, exceptuando-se o número insigne, tem-se o número noventa e nove. Que o lambda, décimo primeiro na ordem, tenha descido à procura do seu semelhante para completar o número doze, o tenha encontrado e ficado completo, fica evidente pela própria forma da letra. O lambda procurou o seu semelhante, o encontrou, o atraiu a si e completou o décimo segundo lugar, sendo a letra M composta por dois lambdas ( $\Lambda + \Lambda$ ). Este é o motivo por que fogem, pela gnose, do lugar do número noventa e nove, que é o da deficiência, tipo da mão esquerda, e perseguem a unidade, que somada a noventa e nove os fará passar para a mão direita.

**16,3.** Bem sei que ao ler estas coisas, ó caríssimo, haverás de rir às gargalhadas, tamanha a presunção e a loucura dessa gente. Dignos de compaixão são os que tratam coisa tão sagrada, a grandeza do Poder verdadeiramente inefável, e as economias de Deus, servindo-se do alfabeto e de números tão frios e artificiais. Verdadeiramente condenam-se a si mesmos quantos se separam da Igreja para aderir a tais patranhas. Paulo manda que os “evitemos depois da primeira e segunda

advertência”; João, o discípulo do Senhor, lhes amplia a condenação, proibindo-nos até de os cumprimentar, porque “quem lhes diz bom-dia participa de suas obras iníquas”. E com razão: “Não há salvação para os ímpios, diz o Senhor”.<sup>45</sup> São de impiedade que supera toda impiedade os que afirmam que o Cria-dor do céu e da terra, o único Deus onipotente, sobre o qual não há outro Deus, provém de degradação derivante de uma primeira, e, segundo eles, já de uma terceira degradação. Rejeitando e condenando convenientemente esta doutrina devemos fugir alhures, longe deles, e quanto mais afirmam e se comprazem nestas invenções tanto mais nos devemos convencer de que estão possuídos pelos maus espíritos da Ogdôada. São como os que caíram em paixão frenética e quanto mais riem e agem pensando estar bem, até mais ainda do que se estivessem bem, tanto mais estão doentes. A mesma coisa acontece a eles: quanto mais julgam saber e se estragam os nervos tendendo a coisas superiores às suas forças, tanto mais avançam na loucura. O espírito imundo da ignorância saiu e os encontrou ocupados, não em Deus, mas em questões mundanas. Então tomou consigo outros sete espíritos piores do que ele, enfatuiu-lhes a sabedoria, fazendo-os acreditar que po-diam entender o que está acima de Deus, e convenientemente dispostos, na sua mente, para a fecundação, depositou neles a Ogdôada da ignorância dos espíritos perversos.

### E. A criação do mundo

17,1. Quero expor-te ainda como, segundo eles, foi feita a criação, à imagem das coisas invisíveis, pelo Demiurgo, sem que ele o soubesse, graças à intervenção da Mãe. Em primeiro lugar, dizem, foram produzidos os quatro elementos: fogo, água, terra e ar, à imagem da Tétrada superior. As operações respectivas que lhes pertencem, isto é, calor e frio, úmido e seco, representam fielmente a Ogdôada. Derivadas dela enumeram as dez potências, a saber: sete corpos esféricos que chamam céus; depois, em volta deles, uma esfera a que chamam oitavo céu; e depois, o sol e a lua. Estes corpos, que são dez, dizem que são imagem da Década invisível emitida pelo Logos e Zoé. A Duodécada seria indicada pelo círculo chamado Zodíaco. Os doze signos, dizem, representam manifestamente a Duodécada, filha do Homem e da Igreja, e foram pintados como que por uma sombra. E o céu supremo que com sua mole se opõe à rotação velocíssima do universo e com seu peso trava-lhe a velocidade, faz com que o giro de um signo a outro se cumpra no intervalo de trinta anos, é imagem, dizem, do Limite que contém dentro e si a Mãe deles, que tem o número trinta. Também a Lua que dá a sua volta ao céu em trinta dias, com este número de dias indica os trinta Éões. E o Sol, que gira em círculo e cumpre a sua apocatástase em doze meses, manifesta por meio deles a Duodécada. Também os dias, que têm a medida de doze horas, são a figura da invisível Duodécada. Até as horas, que são um dozeavo do dia, são compostas de trinta partes para representar a Triacôntada. O círculo do Zodíaco é subdividido em 360 partes e cada signo tem 30: assim, no círculo vêem conservada a imagem da conjunção do 12 com o 30. A pró-pria terra, dizem, dividida em 12 zonas nas quais recebe sucessivamente, a prumo, um poder peculiar do céu, gerando prole semelhante à potência que exerce seu influxo, seria figura claríssima da Duodécada e seus filhos.

17,2. Além disso, dizem que o Demiurgo, querendo imitar a infinitude, a eternidade, a ilimitabilidade e a intemporalidade da Ogdôada e não tendo o poder de reproduzir a estabilidade e perpetuidade dela, por ser ele fruto de uma degradação, reduziu esta eternidade em períodos e tempos numerosíssimos, pensando imitar a infinidade dela com a multiplicidade dos tempos. Então, dizem, ao se afastar dele a Verdade, sobreveio a mentira; por isso a sua obra será destruída quando se completarem os tempos.

## F. Argumentos escriturísticos

### a) Acerca do Pleroma

**18,1.** E ao mesmo tempo que afirmam estas coisas acerca da criação, cada um deles encontra, dentro de suas possibilidades, sempre algo de novo, porque entre eles é perfeito somente quem é fecundo das maiores mentiras. Mas é necessário também indicar os argumentos arranjados, que tiram dos profetas, para ter argumentos contra eles. Moisés, dizem, começando a descrever a obra da criação, indica logo desde o início a Mãe de todas as coisas quando diz: No princípio Deus fez o céu e a terra. Ao nomear estes quatro: Deus, o princípio, o céu e a terra, descreveu, a seu ver, a Tétrada; ao dizer: A terra era invisível e ainda não organizada, manifestaria o aspecto invisível e escondido dele. Teria depois falado da segunda Tétrada, derivada da primeira, assim eles dizem, ao nomear o abismo e as trevas, as águas nelas contidas e o Espírito que pairava sobre as águas. Teria depois lembrado a Década falando da luz, do dia, da noite, do firmamento, da tarde, da manhã, do seco, do mar, da erva e, em décimo lugar, das árvores: com os dez nomes teria indicado os dez Éões. Da mesma forma teria indicado a potência da Duodécada ao nomear o sol e a lua, as estrelas e as estações, os anos, os cetáceos, os peixes, as serpentes, as aves, os quadrúpedes, os animais e, acima de tudo isso, em décimo segundo lugar, o homem. Assim ensinam eles, o Espírito falou da Triacôntada por meio de Moisés. Também o homem, feito à imagem da Potência do alto, possui dentro de si uma potência que deriva da única fonte. Ela seria situada na região do cérebro e dela derivariam quatro potências, à imagem da Tétrada do alto, chamadas, a primeira, visão; a segunda, audição; a terceira, olfato; a quarta, paladar. A Ogdôada seria representada no homem porque tem duas orelhas e dois olhos, duas narinas e um paladar para o amargo e outro para o doce. O homem, na sua totalidade formaria a imagem da Triacôntada deste modo: nos dedos das mãos traz a Década; o corpo, dividido em doze partes, a Duodécada; de fato, eles dividem o corpo do homem da mesma forma que o da Verdade, de que falamos acima; quanto à Ogdôada, que é inefável e invisível, é imaginada escondida nas vísceras.

**18,2.** Dizem ainda que o sol, o luminar maior, foi feito no quarto dia para indicar o número da Tétrada. As cortinas do tabernáculo feito por Moisés, que eram de bisso, púrpura violeta, escarlata e carmesim, segundo eles, apresentariam a mesma imagem. O peitoral do sacerdote, enfeitado com quatro séries de pedras preciosas, simbolizaria a Tétrada. Afinal, tudo o que nas Escrituras indica o número quatro dizem que foi escrito para indicar a Tétrada. A Ogdôada, indicada pelo fato de que o homem foi criado no oitavo dia; às vezes, dizem que foi criado no sexto dia, outras no oitavo ou então que no sexto dia teria sido criado o homem terreno e no oitavo o homem carnal, porque eles distinguem estas duas coisas. Alguns pensam que uma coisa é o homem macho e fêmea, criado à imagem e semelhança de Deus, que seria o homem pneumático, e outra coisa o homem tirado da terra.

**18,3.** A economia da arca do dilúvio, na qual oito homens foram salvos, afirmam que indica manifestamente a Ogdôada salvífica. A mesma coisa indicaria Davi, oitavo entre os irmãos, como também a circuncisão que se fazia no oitavo dia indicaria a circuncisão da Ogdôada superna. E tudo o que na Escritura indica o número oito dizem que atualiza o mistério da Ogdôada. A Década seria signifi-cada nos dez povos que Deus prometeu dar em poder a Abraão; e, igualmente, pela economia de Sara que, depois de dez anos, lhe entregou sua serva Agar para que pudesse ter dela um filho. O servo de Abraão, enviado a Rebeca, que junto ao poço lhe dá os braceletes de ouro que pesavam dez siclos; os irmãos dela que o retém por dez dias; Jeroboão que recebeu os dez cetros; os dez átrios do tabernáculo, as colunas de dez côvados; os dez filhos de Jacó, enviados a primeira vez ao Egito para comprar trigo; e os dez após-tolos aos quais apareceu o Senhor ressuscitado, quando Tomé não

estava presente; todos representariam a Déca da invisível.

**18,4.** A Duodécada, na qual se produziu o mistério da paixão da degradação, da qual, segundo eles, foram formadas as coisas visíveis, encontra-se em todo lugar com sinais claros e manifestos. Por exemplo: os doze filhos de Jacó, dos quais se originaram as doze tribos, o peitoral com suas várias partes, as doze pedras preciosas e os doze guizos, as doze pedras que Moisés levantou no monte, as doze pedras que Josué pôs no rio e as outras na outra margem, os doze homens que transportavam a arca, as doze pedras que Elias usou para o sacrifício do bezerro, o número dos apóstolos, tudo o que se refere ao número doze dizem que representa a Duodécada. A unidade de todos os Éões que eles chamam de Triacôntada é indicada pela arca de Noé, alta trinta côvados, por Samuel que faz sentar Saul no primeiro lugar entre os trinta convidados, por Davi que se esconde por trinta dias no campo e pelos trinta homens que entraram com ele na caverna, e pelo comprimento do santo tabernáculo que era de trinta côvados. E tudo o que encontram equivalente a este número dizem que quer indicar a Triacôntada.

#### b) Acerca do dualismo teístico

**19,1.** Pareceu-me necessário acrescentar a isso tudo também o que tentam convencer acerca do Pró-pai, preten-samente desconhecido por todos antes da vinda do Cristo, escolhendo textos da Escritura para demonstrar como nosso Senhor anunciou outro Pai diferente deste criador do universo, que com blasfêmia ímpia, como já lembramos, dizem ser fruto da degradação. E citam as palavras do profeta Isaías: “Israel não me conheceu e o povo não me entendeu” eles querem que Isaías tenha falado da ignorância que se tinha do abismo invisível; e o que se lê em Oséias: “...porque não há fidelidade em Israel, nem conhecimento de Deus na terra”, eles o desviam forçosamente no mesmo sentido. O versículo: “Não há quem entenda nem quem procure a Deus, todos se desviaram e ao mesmo tempo se corromperam”, eles o compreendem como a ignorância que se tinha a respeito do Abismo invisível. E a que foi dita por Moisés: “Ninguém verá a Deus e viverá”, indica a mesma coisa.<sup>46</sup>

**19,2.** Dizem que os profetas viram o Demiurgo, e o que foi escrito: ninguém verá a Deus e viverá se refere à Grandeza invisível, não conhecida por ninguém. Que ninguém verá a Deus se refira ao Pai invisível, criador de todas as coisas, é evidente para todos nós; que, porém, não se refere a este Abismo inventado por eles, mas ao Demiurgo, que se identifica com o Deus invisível, será demonstrado no evolver do discurso. Daniel significaria a mesma coisa ao pedir ao Anjo a solução da parábola, porque ele a ignorava. O Anjo, escondendo-lhe o grande mistério do Abismo, lhe diz: “Retira-te, Daniel, estas são palavras de sentido recôndito até que os inteligentes as entendam e os puros sejam purificados”.<sup>47</sup> E eles se gabam de serem os puros e os inteligentes.

**20,1.** Além disso apresentam interminável multidão de escritos apócrifos e falsos que eles mesmos compuseram para causar impressão aos simples e aos que não conhecem as letras da verdade. Para reforçar isso acrescentam também aquela fábula segundo a qual quando o Senhor era ainda menino e aprendia a ler, o mestre lhe disse, como de costume: Dize a, e ele respondeu a; depois o mestre pediu-lhe que dissesse bê, e o Senhor respondeu-lhe: Dize-me primeiro o que é a e então eu te direi o que é bê. E interpretam que somente ele conhece o Incognoscível, que indicou na letra a.

**20,2.** Retorcem também algumas frases do Evangelho para que possam ter este sentido. Por exemplo, com a resposta que o Senhor, aos doze anos, deu à sua mãe: “Não sabias que me devo ocupar nas coisas de meu Pai?”<sup>48</sup> anunciava-lhe, segundo eles, o Pai que não conheciam. Por isso enviou os discípulos às doze tribos para anunciar o Deus desconhecido. A quem lhe disse: Bom



mestre, respondeu confessando aquele que é verdadeiramente bom: “Por que me chamas bom? Somente um é bom, o Pai nos céus”.<sup>49</sup> Os céus de que se fala são os Éões. Por isso não respondeu aos que lhe perguntaram: Com que poder fazes isso?, mas os confundiu com a pergunta que, por sua vez, fez a eles; não respondendo — eles explicam — mostrou o caráter inexprimível do Pai. Mas quando disse: “Desejei muitas vezes escutar umas palavras como estas, mas não encontrei um sequer que mas dissesse”,<sup>50</sup> manifestou por meio deste um aquele que é o único verdadeiro Deus que não conheciam. Da mesma forma ainda, quando, avizinhandose a Jerusalém, chorou sobre ela e disse: “Se tu conhecesses hoje o que é para a paz, mas te está escondido”,<sup>51</sup> com estas palavras: te está escondido, indicou o mistério escondido de Abismo. Ainda, quando diz: “Vinde a mim vós todos que estais fatigados e carregados e aprendei de mim”,<sup>52</sup> teria anunciado o Pai da Verdade. Prometeu, com efeito, ensinar-lhes o que não sabiam.

**20,3.** Como prova de tudo o que precede e como última palavra de seu sistema alegam estas palavras: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues pelo Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho, nem o Filho senão o Pai e aquele a quem o Filho o revelar”.<sup>53</sup> Com isso seria indicado claramente que antes da vinda do Senhor ninguém conhecia expressamente o Pai da Verdade, e também afirmam que o Autor e Criador do mundo sempre foi conhecido por todos, ao passo que o Senhor falaria aqui do Pai que ninguém conhece e que eles anunciam.

### c) Teoria da redenção

**21,1.** É conveniente que a sua versão da redenção seja invisível e incompreensível, por ser a mãe dos incom-preensíveis e invisíveis. E sendo instável não pode ser descrita de forma clara e unânime, uma vez por todas: de fato, cada um deles transmite-a como quer e há tantas redenções quantos são os mestres desta doutrina misteriosa. Que esta estirpe tenha sido enviada por Satanás para a negação do batismo da regeneração em Deus e a destruição de toda a fé o exporemos e refutaremos no lugar mais oportuno.

**21,2.** Dizem que esta redenção é necessária para os que receberam a gnose perfeita para serem regenerados na Potência suprema, pois do contrário é impossível entrar no Pleroma, porque, segundo eles, é esta que conduz à profundidade do Abismo. O batismo de Jesus, quando se manifestou, era para a remissão dos pecados, mas a redenção para a perfeição foi-lhe concedida pelo Cristo que desceu sobre ele; o batismo era psíquico, mas a redenção, pneumática. Com efeito, o batismo que João pregava era para a remissão dos pecados, mas a redenção para a perfeição foi realizada pelo Cristo. E é isto que ele quer dizer com as palavras: “Há outro batismo com que devo ser batizado e me lanço ardentemente para ele”.<sup>54</sup> Ainda, o Senhor apresentou esta redenção aos filhos de Zebedeu quando a mãe deles lhe pediu que os mandasse sentar à sua direita e à esquerda no reino, ao dizer: “Podeis ser batizados com o batismo com que eu devo ser batizado?”<sup>55</sup> Dizem que também Paulo indicou claramente e muitíssimas vezes a redenção que está em Cristo Jesus; redenção que eles ensinam com tanta variedade e divergência.

**21,3.** Alguns deles imaginam um quarto nupcial e cumprem um rito místico acompanhado de invocações sobre os iniciados e afirmam que o que fazem são núpcias espirituais à semelhança das sizíguas do alto. Outros os levam junto à água e ao batizá-los dizem: Em nome do Pai, desconhecido por todos, na Verdade, Mãe de todos, naquele que desceu sobre Jesus, para a união e redenção e comunicação das Potências. Outros usam palavras he-braicas para causar admiração e medo nos

iniciados: *Basyma cacabasa eanaa irraumista diarbada caeota bafobor camelanthi*, que significam: Invoco o que está acima de toda Potência do Pai, que se chama Luz, Espírito e Vida, porque reinaste no corpo. Outros ainda anunciam a redenção assim: O nome oculto a toda Divindade, Dominação e Verdade que Jesus Nazareno assumiu nas zonas da luz, Cristo Senhor que vive pelo Espírito Santo, para a redenção dos Anjos, nome da restauração: *Messia ufar magno in seenchaldia mosomeda eaacha faronepseha Ie-su Nazarene*; que se traduz: Não divido o Espírito, o co-ração e a misericordiosa e supraceleste Potência de Cristo: possa fruir do teu nome, Salvador da Verdade. Estas as palavras que pronunciam os consagrantes. O consagrado responde: Sou conformado e redimido e resgato a minha alma deste Éon e de todos que estão nele no nome de Iao, que resgatou a sua alma para a redenção no Cristo vivente. Os presentes dizem: Paz para todos sobre os quais repousa este nome. Depois disto ungem o iniciado com bálsamo; dizem que este unguento é figura do per-fume derramado sobre todas as coisas.

**21,4.** Alguns deles dizem que é supérfluo levar à água e então misturam óleo e água e pronunciando algumas palavras semelhantes às que referimos acima, derramam a mistura sobre a cabeça dos iniciandos. Nisto consistiria a redenção. Eles também ungem com bálsamo. Outros, recusando tudo isto, dizem que não se deve realizar por meio de criaturas visíveis e corruptíveis o mistério da Potência invisível e inefável, nem representar por meio de coisas sensíveis e corpóreas as incorpóreas e insensíveis. A redenção perfeita é o conhecimento da Grandeza inefável; pois é da ignorância que saíram a decadência e a paixão; é pela gnose que será abolido todo o estado de coisas saídas da ignorância. É, pois, a gnose a redenção do homem interior. Esta redenção não é nem somática, pois o corpo é corruptível, nem psíquica, pois a alma também provém da decadência e é apenas a morada do espírito; ela é, pois, necessariamente pneumática.

**21,5.** Outros redimem os moribundos na hora da agonia derramando sobre a cabeça deles óleo e água ou unguento misturado com água, com as invocações de que falamos acima para que se tornem impossíveis de agarrar e invisíveis aos Principados e Potestades, e o homem superior suba aos espaços invisíveis enquanto o corpo é deixado ao universo criado e a alma entregue ao Demiurgo. E ordenam-lhes que, depois de mortos, ao chegar junto das Potências digam estas palavras: Eu sou filho do Pai, do Pai preexistente, filho no Preexistente. Vim para ver todas as coisas que são minhas e que me são estranhas; na verdade, não completamente, porque pertencem a Acamot, a Mulher que as fez para si e me deu a estirpe do Pree-xistente, e estou de volta para aquilo que era meu de onde eu vim. Dizendo isto, deverá esgueirar-se e fugir das Potências. E ao chegar aos companheiros do Demiurgo deverá dizer-lhes: Eu sou vaso precioso, mais precioso do que a Mulher que vos gerou. Se vossa Mãe ignora a sua origem, eu conheço a mim mesmo e sei de onde eu sou e invoco a incorruptível Sofia que está no Pai, Mãe de vossa Mãe, que não tem Pai nem cônjuge macho; Mulher nascida de Mulher, vos criou não conhecendo a Mãe dela, imaginando estar sozinha: eu invoco a Mãe dela. Ao escutar estas palavras, os companheiros do Demiurgo se perturbarão violentamente e se irritarão com a sua origem e a raça da Mãe deles: e o iniciado irá para o que é seu, atirando fora os liames, isto é, a alma. Isto é o que chegou até nós acerca da regeneração, mas devido às diferenças que há entre eles na doutrina e no ensinamento, e também ao fato de que os mais recentes se esforçam por frutificar a cada dia algo de novo que ninguém tenha pensado, resta difícil transcrever as opiniões de todos.

d) Referência à Regra da fé

**22,1.** Nós porém nos conservamos firmes na regra da verdade, isto é, que existe um só Deus onipotente que tudo criou pelo seu Verbo, plasmou e fez que o que não existia passasse a existir,

como diz a Escritura: “Pela palavra do Senhor os céus foram feitos e pelo sopro de sua boca toda a potência deles”.<sup>56</sup> E ainda: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”.<sup>57</sup> Do tudo nada é excetuado; o Pai fez por seu intermédio tudo, as coisas visíveis e as invisíveis, as sensíveis e as inteligíveis, as temporais para uma verdadeira economia, as eternas e imortais, não por meio de Anjos, nem de Potências distintas de sua mente, porque Deus não precisa de ninguém, mas pelo Verbo e pelo seu Espírito fez tudo, ordenou, governa e dá o ser a tudo. Ele fez o universo e o mundo é parte dele, ele criou o homem, ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, sobre o qual não há outro Deus, não há Princípio, não há Potência, não há Pleroma; ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, como demonstraremos. Guardando firmemente esta regra da Verdade, ainda que eles digam muitas e diferentes coisas, ser-nos-á fácil demonstrar que desviaram da verdade. Quase todos os heréticos reconhecem um só Deus, mas subvertem perversamente este conceito, mal-gradecidos para com o Criador, assim como o são os pagãos com sua idolatria. Desprezam a obra de Deus rejeitando a sua própria salvação, tornando-se acusadores renhidos de si mesmos e falsas testemunhas. Ressuscitarão na carne, contra sua vontade, para reconhecer o poder daquele que os ressuscita dos mortos, mas não serão incluídos entre os justos por causa da incredulidade.<sup>58</sup>

**22,2.** Visto que a detecção e a refutação de todas as heresias é variada e multiforme e é nossa intenção responder a todos eles, nas peculiaridades próprias, julgamos necessário dar-te a conhecer primeiro a fonte e a raiz, porque, ao conhecer o Abismo mais sublime, saibas de que árvore procedem estes frutos.

### *Simão, o mago*

**23,1.** Simão, samaritano, é o mago de quem Lucas, discípulo e seguidor dos apóstolos, diz: “Havia, há tempo, na cidade, um homem chamado Simão que praticava a magia e excitava os habitantes da Samaria dizendo ser grande personagem e todos, do maior ao menor, o escutavam e diziam: este é a Potência de Deus, chamada grande. Apegavam-se a ele porque por muito tempo os fascinava com as suas mágicas”.<sup>59</sup> Este Simão fingiu abraçar a fé, pensando que também os apóstolos realizassem curas por meio da magia e não pelo poder de Deus e que eles tor-nassem cheios do Espírito Santo os que criam em Deus, por meio da imposição das mãos e de Jesus Cristo que eles anunciavam. Imaginando ser por causa de uma sabedoria mágica maior ainda que eles faziam estas coisas; ofereceu dinheiro aos apóstolos a fim de ter ele também o poder de dar o Espírito Santo a quem quisesse, mas ouviu de Pedro: “O teu dinheiro pereça contigo, pois julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus! Não terás parte nem herança neste mistério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Eu te vejo na amargura do fel e nos laços da iniquidade”.<sup>60</sup> Ainda menos acreditou em Deus e pôs-se a rivalizar invejosamente com os apóstolos para se tornar, ele também, célebre. Por este motivo aprofundou em todas as artes mágicas a ponto que granjeou a admiração de muitos homens. Viveu nos tempos do imperador Cláudio, e até se diz que, por motivo da magia, foi honrado por ele com uma estátua. Este mago foi honrado por muitos como um deus e ensinou que ele era aquele que se manifestou como Filho entre os judeus, que desceu na Samaria como Pai e que veio entre os outros povos como Espírito Santo; que era a Potência mais sublime, isto é, o Pai que está acima de todas as coisas e aceitava qualquer título que os homens lhe quisessem conferir.

**23,2.** Simão, samaritano, do qual se originaram todas as heresias, apresenta para a seita esta teoria: tendo comprado em Tiro, cidade da Fenícia, Helena, prostituta, levou-a consigo nas suas idas e vindas e dizia que ela era o seu primeiro Pensamento, a Mãe de todas as coisas, e que no princípio teve a idéia de criar os Anjos e Arcanjos por meio dele. Essa Enóia saía dele com o conhecimento

da vontade do Pai, desceu às regiões inferiores e gerou os Anjos e as Potências pelos quais, afirma ele, foi feito este mundo. Mas depois de os ter gerado, eles, por inveja, a retiveram prisioneira, porque não queriam ser julgados filhos de alguém insignificante. Eles, porém, ignoravam completamente quem era o Pai deles. Enóia, portanto, ficou retida pelos Anjos e pelas Potências que ela tinha emitido e sofreu toda espécie de afrontas para que não subisse de volta ao Pai dela até que foi encerrada num corpo humano. Durante séculos transmigrou, como vaso se derrama noutra, em corpos de mulheres. Entre outras, ela foi aquela Helena por cuja causa aconteceu a guerra de Tróia, e assim se entende porque Estesícoro, que falou mal dela nos seus versos, ficou cego e em seguida recobrou a vista por ter-se arrependido e escrito as chamadas pa-linódias em que a exaltava. Na sua transmigração de corpo em corpo, desde o início, sempre sofreu afrontas e ultimamente se estabeleceu num prostíbulo; ela seria a ovelha desgarrada.

**23,3.** É por isso que ele veio antes de todos para recuperá-la e libertá-la dos laços e trazer aos homens a salvação por meio do conhecimento dele. Os anjos, por sua vez, governavam mal o mundo e cada um desejava a primazia, por isso ele veio para pôr as coisas em ordem. Desceu dis-farçado, semelhante aos Principados, às Potências e aos Anjos, e pareceu homem entre os homens sem ser homem, e se acreditou que sofreu na Judéia sem sofrer realmente. Com efeito, não há obras boas por natureza, mas somente por convenção, como dispuseram os Anjos criadores, para reter escravos os homens por meio destes preceitos. Por isso Simão prometeu subtrair o mundo e libertar os seus seguidores da dominação dos criadores do mundo.

**23,4.** Os sacerdotes deles, místicos, vivem libidinosamente e praticam magias cada qual como pode; servem-se de exorcismos e encantamentos e exercitam-se fervidamente em filtros e feitiços, espiritismo, hipnotismo e em tudo o que diz respeito à magia. Têm uma imagem de Simão, na aparência de Júpiter, e de Helena, na de Minerva e adoram-nas. E também são chamados simonianos, nome que lhes vem de Simão, o iniciador da mais ímpia doutrina, e é deles que se origina, com nome falso, a gnose, como se pode deduzir das afirmações deles.

### *Menandro*

**23,5.** Sucessor de Simão foi Menandro, samaritano de origem, que também atingiu o nível mais alto da magia. Este diz que a primeira Potência não é conhecida por ninguém e que ela é o Salvador enviado dos lugares invisíveis para a salvação dos homens. Diz que o mundo foi feito pelos Anjos e, da mesma forma que Simão, afirma que foram emitidos por Enóia e que, pela ciência da magia que ensinava, conferiu o poder de vencer os próprios Anjos, criadores do mundo. Os seus discípulos, pelo batismo no seu nome, recebem a ressurreição e já não podem morrer, mas permanecem para sempre jovens e imortais.

### *Saturnino e Basíledes*

**24,1.** Saturnino de Antioquia, nas proximidades de Dafne, e Basíledes, retomando a doutrina destes homens como ponto de partida, ensinaram, um na Síria e o outro em Alexandria, doutrinas diversas. Saturnino, como Menandro, prega um único Pai, não conhecido por ninguém, que fez os Anjos, os Arcanjos, as Potências e as Potesta-des. Sete destes Anjos fizeram o mundo e tudo o que há nele. Também o homem é criatura dos Anjos: quando apareceu do alto, vinda da Potência suprema, uma figura luminosa que eles não conseguiram reter porque ela logo voltou às alturas, animaram-se uns aos outros dizendo: Façamos o homem à imagem e semelhança dela. Mas a criatura que foi feita não se podia levantar por causa da fraqueza dos Anjos e se arrastava como verme. Então a Potência do

alto teve compaixão dele, porque tinha sido feito à sua imagem, e lançou uma fagulha de vida que fez o homem levantar, articular-se e viver. Depois da morte esta fagulha de vida retorna aos da mesma natureza e o restante se dissolve naquilo de que foi tirado.

**24,2.** O Salvador, afirmam eles, não é gerado, não tem corpo nem figura e só aparentemente foi visto como homem. O Deus dos judeus era um dos Anjos, e porque o Pai quis destruir todos os Arcontes o Cristo veio para destruir o Deus dos judeus e salvar os que acreditassem nele: e somente estes têm a fagulha de vida. Com efeito, e ele foi o primeiro a dizê-lo, foram feitas duas espécies de homens pelos Anjos, os bons e os maus. Visto que os demônios ajudavam os maus, o Salvador veio para derrotar os demônios e os homens maus e salvar os bons. Casar e procriar é diabólico e muitos dos seus discípulos se abstêm de comer carne e com aparente abstinência enganam a muitos. Quanto às profecias, algumas foram proferidas por estes Anjos criadores do mundo, outras por Satanás, que Saturnino apresenta como adversário dos criadores do mundo e especialmente do Deus dos judeus.

**24,3.** Basílides, para mostrar que encontrou algo de mais profundo e verossímil, estende ao infinito o desenvolvimento da sua doutrina. Segundo ele, Nous nasceu do Pai ingênito; dele nasceu o Logos; de Logos, a Prudência; desta, Sofia e Potência. De Sofia e de Potência nasceram as Virtudes, os Principados e os Anjos que chama primeiros e que fizeram o primeiro céu. Em seguida, outros derivados destes, fizeram outro céu semelhante ao primeiro. De forma semelhante outros derivados dos precedentes e antitipos dos que estão acima deles, fizeram terceiro céu. Desta terceira série deriva a quarta e assim a seguir e do mesmo modo, assegura, uma após outra toda a série de Anjos e Principados até formarem 365 céus. Por isso o ano tem tantos dias quantos são os céus.

**24,4.** Os Anjos que ocupam o céu inferior, o que nós vemos, fizeram todas as coisas do mundo, dividindo entre si a terra e os povos que se encontram nela. O chefe de todos eles é aquele que passa por Deus dos judeus. Este quis submeter aos seus homens, isto é, aos judeus, as outras nações. Então as outras Potestades insurgiram-se e combateram este povo, e por este motivo também os outros povos combateram o dele. Então o Pai ingênito e inefável ao ver a derrota de seu povo enviou o seu primogênito Nous, aquele que se chama Cristo, para libertar os que creram nele do poder dos criadores do mundo. E ele, como homem, apareceu na terra às nações deles e fez milagres. Na realidade, não foi ele quem sofreu a paixão, mas o tal Simão de Cirene que, obrigado, carregou a cruz no lugar do Cristo e foi crucificado, quer por ignorância, quer por engano, porque, por transformação, recebeu o aspecto de Jesus enquanto Jesus tomava o aspecto de Simão e estando ali fazia zombarias deles. Sendo, com efeito, uma Potência incorpórea e Nous do Pai ingênito, ele se transfigurou como quis e subiu ao que o tinha enviado, zombando dos que não o podiam segurar porque era invisível. Os que sabem estas coisas são libertados dos Principados criadores do mundo; é preciso reconhecer não o que foi crucificado, mas o que, enviado pelo Pai para destruir com esta economia a obra dos criadores do mundo, assumiu a forma de homem, pareceu crucificado e se chamava Jesus. Por isso, se alguém confessa o crucificado, diz ele, é ainda escravo e submetido ao poder dos que criaram os corpos, mas quem o renega é libertado destes e conhece a economia do Pai ingênito.

**24,5.** A salvação é somente para a alma, o corpo é corruptível por natureza. As profecias foram proferidas pelos Principados que fizeram o mundo, e a Lei foi emitida, por autoridade própria, pelo chefe deles, aquele que tirou o povo do Egito. Não se importam com as carnes oferecidas aos ídolos, pois não têm nada de especial e usam-nas sem escrúpulos; também são indiferentes quanto às outras coisas que usam e a toda espécie de libertinagem. Também eles se servem da magia, dos encantamentos, das invocações e de toda prática mágica. Inventam nomes de Anjos e dizem que estes



estão no primeiro céu, aqueles no segundo e assim a seguir, procurando expor os nomes, os Principados, os Anjos, as Potências dos 365 dias. Destarte, o nome do mundo em que o Salvador desceu e do qual subiu é Caulacau.

**24,6.** Quem aprendeu todas estas coisas e conhece todos os Anjos e a sua origem, afirmam eles, torna-se invisível e impossível de segurar pelos Anjos e por todas as Potes-tades, como o foi Caulacau. E como o Filho é desconhecido por todos, assim eles não poderão ser conhecidos por ninguém, e conhecendo a todos passarão por todos permanecendo invisíveis e irreconhecíveis. Tu conheces a todos, dizem, ao passo que ninguém te reconhece. Por isso esta gente está pronta à negação, e, mais ainda, sequer podem sofrer pelo Nome por serem todos iguais. Poucos, porém, podem saber estas coisas, somente um entre mil ou dois entre milhares. Dizem que não são mais judeus e ainda não cristãos, e que os seus mistérios não devem ser divulgados, mas guardados no escondimento e no silêncio.

**24,7.** Estabelecem as posições dos 365 céus como fazem os matemáticos, e extraíndo deles os teoremas, transferiram-nos, depois de adaptados, à doutrina deles. O chefe de les é Abrasax e o valor numérico das letras do nome é 365.

### *Carpócrates*

**25,1.** Carpócrates e os seus discípulos dizem que o mundo e as coisas nele contidas foram feitas por Anjos muito inferiores ao Pai ingênito. Jesus, que nasceu de José semelhante a todos os homens, distinguiu-se deles porque a sua alma forte e pura se lembrava do que tinha visto na esfera do Pai ingênito. Por isso foi-lhe dada pelo Pai a força que lhe permitiu escapar aos criadores do mundo e assim, passando por todos completamente livre, subiu junto a ele. E o mesmo se dá com os que têm disposições semelhantes. Dizem que a alma de Jesus, educada nos costumes dos judeus, os desprezava e por isso recebeu o poder de destruir nos homens as paixões que lhes foram impostas como castigo.

**25,2.** A alma que à semelhança de Jesus sabe desprezar os Arcontes criadores do mundo também recebe o poder de fazer as mesmas coisas. Assim se encheram de tamanha soberba que alguns se dizem iguais a Jesus, outros, sob certo aspecto, mais fortes ainda do que ele, e outros ainda superiores aos discípulos, por exemplo, Pedro, Paulo e os outros apóstolos, que não perdem em nada para Jesus. Sendo as suas almas originárias da mesma esfera e tendo igualmente menosprezado os criadores do mundo foram julgadas dignas do mesmo poder e voltaram para o mesmo lugar. Se alguém despreza mais do que ele as coisas deste mundo pode ser superior a ele.

**25,3.** Eles também se servem da magia, de encantamentos, filtros, feitiços, espiritismo, hipnotismo e outros truques, afirmando não somente terem o poder de mandar nos Principados e Criadores deste mundo, mas também em todas as coisas contidas nele. Eles também foram enviados aos povos por Satanás para a injúria do nome divino da Igreja, de forma que os homens, ouvindo tanta diferença entre um e outro e pensando que nós somos todos iguais a eles, desviem a sua atenção da mensagem da verdade e vendo as ações deles desprezem a todos nós que não participamos na doutrina, nem nos costumes, nem na conduta deles. Eles, para encobrir a licenciosidade e a doutrina ímpia servem-se do Nome como de véu para encobrir a malícia, mas o juízo sobre eles será justo e receberão de Deus o justo pagamento pelas suas ações.

**25,4.** Chegaram a tamanha impudência de afirmar que lhes é permitido fazer as coisas mais irreverentes e ímpias, porque, dizem, as coisas são boas ou más segundo a opinião dos homens. Além

disso, as almas, pelas passagens sucessivas nos corpos, devem experimentar todo tipo de vida e todas as ações, a menos que alguém faça tudo numa só vez e numa só passagem, estas coisas que não somente nos são proibidas de dizer ou de experimentar, mas até de pensar e de acreditar que possam acontecer com alguém que vive nas mesmas cidades onde nós estamos. Portanto, como dizem os escritos deles, é preciso que as almas, feitas todas as experiências da vida, ao sair dos corpos, não lhes falte nenhuma, porque, se por acaso faltar alguma coisa à liberdade deles, serão obrigados a voltar em outro corpo. Eis por que, dizem, Jesus contou esta parábola: “Enquanto estás a caminho com teu adversário, procura libertar-te dele para que não te entregue ao juiz e o juiz ao guarda e te tranque na prisão; na verdade, eu te digo, não sairás de lá sem ter pago até o último centavo”.<sup>61</sup> O adversário, dizem, é um dos Anjos que estão no mundo, aquele que se chama Diabo, e que foi criado para conduzir deste mundo para o Arconte as almas dos que pereceram. Este, que chamam o primeiro entre os criadores do mundo, entrega as almas a outro Anjo que o serve, para que as prenda noutros corpos; os corpos, dizem eles, são a prisão. E a frase: Não sairás de lá sem ter pago até o último centavo, eles a entendem no sentido de que ninguém se livra do poder dos Anjos que criaram o mundo se, passando de um corpo para o outro, não tiver praticado tudo o que se faz neste mundo. Quando não sobrar mais nenhuma destas coisas, então a alma, livre, se elevará ao Deus que está acima dos Anjos criadores do mundo. Assim todas as almas chegam à salvação, quer que, previdentes, se lancem a todo tipo de ações já na primeira vinda, quer que, mandadas, passem de corpo em corpo, pratiquem nessas vidas e consecutivamente todas estas ações, e assim, pagando as suas dívidas, sejam libertadas para sempre da obrigação de voltar a um corpo.

**25,5.** Que estas ações ímpias, injustas e proibidas sejam praticadas por eles eu não teria acreditado, mas está escrito nos seus livros e assim ensinam. Dizem que Jesus falou reservada e secretamente aos discípulos e aos apóstolos, mandando que eles trasmitissem esta doutrina somente aos que julgassem dignos e acreditassem neles. O que salva é a fé e a caridade; tudo o resto é indiferente. Na opinião dos homens, algumas coisas são boas, outras más, porém nada é mau por natureza.

**25,6.** Alguns deles marcam a fogo os discípulos atrás do lóbulo da orelha direita. Foi assim que Marcelina, seguidora desta seita, que foi a Roma nos tempos de Aniceto, arruinou a muitos. Eles se chamam gnósticos. Possuem umas imagens, algumas pintadas outras feitas de materiais diversos, e dizem que reproduzem o Cristo e foram feitas por Pilatos quando Jesus estava com os homens. Coroam-nas e expõem-nas junto com aquelas de filósofos profanos, a saber, de Pitágoras, Platão, Aristóteles e outros e lhes prestam homenagem assim como fazem os pagãos.

### *Cerinto*

**26,1.** Cerinto, asiático, ensina que o mundo não foi feito pelo primeiro Deus, mas por uma Potência distinta e bem afastada da Potência que está acima de todas as coisas, que não conhecia o Deus que está acima de tudo. Jesus, segundo Cerinto, não nasceu da Virgem, porque isto lhe parecia impossível, mas foi filho de José e de Maria de maneira semelhante à dos outros homens e sobressaiu entre todos pela santidade, prudência e sabedoria. Depois do batismo desceu sobre ele, daquela Potência que está acima de todas as coisas, o Cristo, na forma de pomba, e desde então começou a anunciar o Pai incógnito e a fazer milagres. Finalmente o Cristo saiu de Je-sus, voltou para o alto e Jesus sofreu e ressuscitou, enquanto o Cristo permanecia impassível, porque era pneumático.

### *Ebionitas e nicolaitas*

**26,2.** Os chamados ebionitas admitem que o mundo foi criado por Deus, mas acerca do Senhor pensam da mesma forma que Cerinto e Carpócrates. Utilizam somente o evangelho segundo Mateus e rejeitam o apóstolo Paulo como apóstata da Lei. Procuram interpretar as profecias de maneira bastante curiosa; praticam a circuncisão e continuam a observar a Lei e os costumes judaicos da vida e até adoram Jerusalém como se fosse a casa de Deus.

**26,3.** Os nicolaítas tiveram por mestre Nicolau, um dos sete primeiros diáconos ordenados pelos apóstolos. Vivem desordenadamente. São plenamente caracterizados no Apocalipse de João, porquanto ensinam que a fornicção e o comer carne oferecida aos ídolos são coisas indiferentes. Por isso é que está escrito acerca deles: “Tens em teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, que eu também odeio”.<sup>62</sup>

### *Cerdão*

**27,1.** Um Cerdão qualquer tomou como ponto de partida a doutrina da seita de Simão que se estabeleceu em Roma nos tempos de Higino, nono bispo na sucessão dos apóstolos; ensinou que o Deus anunciado pela Lei e os profetas não é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: o primeiro é conhecido, o segundo é incognoscível; um justo, o outro bom.

### *Marcião*

**27,2.** Sucedeu-lhe Marcião, originário do Ponto, ampliou a doutrina, blasfemando despidoradamente o Deus da Lei e dos profetas, chamando-o autor do mal, desejoso de guerras, inconstante nos sentimentos e em contradição consigo mesmo. Quanto a Jesus, enviado pelo Pai que está acima do Deus criador do mundo, veio à Judéia no tempo em que era governador Pôncio Pilatos, procurador de Tibério César, manifestou-se como homem aos judeus e aboliu os profetas, a Lei e as obras todas do Deus criador, que eles chamam Cosmocrátor. Além disso, Marcião mutilou o evangelho segundo Lucas, eliminando tudo o que se refere à geração do Senhor e expungindo muitas passagens dos ensinamentos do Senhor nas quais este reconhece abertamente como seu Pai o criador do universo. Fez crer aos seus discípulos ser ele mais verídico do que os apóstolos que transmitiram o evangelho, entregando-lhes nas mãos não o evangelho, mas uma parte do evangelho. Da mesma forma mutila as cartas do apóstolo Paulo eliminando todos os textos em que se afirma claramente que o Deus que criou o mundo é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e também as passagens onde o Apóstolo lembra as profecias que prenunciavam a vinda do Senhor.

**27,3.** Marcião diz que se salvam somente as almas que aprenderem a sua doutrina; os corpos não podem participar da salvação, porque foram tirados da terra. Às blasfêmias contra Deus acrescenta, como verdadeiro porta-voz do diabo que fala tudo o que é contrário à verdade, que Caim e os seus semelhantes, os sodomitas, os egípcios e seus semelhantes, e todos os pagãos que praticaram toda espécie de maldades foram salvos pelo Senhor quando desceu aos infernos e levou consigo ao seu reino os que acorreram a ele. Porém, segundo a serpente que falou em Marcião, Abel, Henoc, Noé e os outros justos, os patriarcas descendentes de Abraão com todos os profetas e os que agradaram a Deus não compartilharam da salvação. Com efeito, diz ele, sabendo todos eles que Deus estava sempre a tentá-los, pensaram também naquele momento numa nova tentação e não foram ao encontro de Jesus e não acreditaram no seu anúncio: deste modo as suas almas permaneceram nos infernos.

**27,4.** A este que foi o único a ter a ousadia de mutilar abertamente as Escrituras e de ultrajar a Deus despidoradamente mais do que os outros responderemos à parte, com base nos seus escritos, e com a ajuda de Deus o refutaremos usando as palavras do Senhor e do Apóstolo que conservou e que

usa. Agora devemos lembrar-nos dele para que saibas que todos os que adulteram de alguma forma a verdade e lesam a doutrina da Igreja são discípulos e seguidores de Simão, o mago, o samaritano. Mesmo sem manifestar o nome do mestre para enganar os outros, ensinam a doutrina dele. Apresentando com engodo o nome de Jesus, introduzem, sob formas diversas, a impiedade de Simão e causam a perda de muitos. Usando nome excelente difundem a perversidade de sua doutrina, e com a doçura e a honorabilidade do nome, apresentam-lhes o veneno amargo e pernicioso da serpente, chefe de toda apostasia.

### *Outras seitas menores*

**28,1.** Originando-se destes de quem falamos acima, já surgiram muitas ramificações das muitas heresias, pelo fato de muitos deles, ou melhor, de todos eles quererem ser mestres. Afastando-se da seita em que se encontravam, derivando uma teoria da outra e desta, outra; ensinando sempre algo de novo, apresentam-se a si mesmos como inventores da teoria por eles arquitetada. Assim, por exemplo, os que se chamam encratitas, que se inspiram em Saturnino e Marcião, proclamam a abstenção do casamento, condenando a primitiva instituição divina e acusando falsamente Aquele que fez o homem e a mulher ordenados à procriação. Introduziram o celibato dos chamados espirituais com gesto de ingratidão para com Deus, criador de todas as coisas, e negam também a salvação do primeiro homem. Esta é invenção original e atual, quando um Taciano qualquer introduziu, pela primeira vez, essa blasfêmia. Enquanto esteve na escola de Justino como ouvinte não manifestou nenhuma dessas teorias, mas depois do martírio dele se separou da Igreja e ufanando-se da glória do mestre e julgando-se superior a todos deu nova característica à teoria. Como os discípulos de Valentim, conta a história dos Éões invisíveis, como Marcião e Saturnino, tacha o casamento de corrupção e fornicção, e no que lhe é próprio, nega a salvação de Adão.

**28,2.** Outros ainda, inspirando-se em Basíledes e Car-pócrates, introduzem o amor livre, a poligamia e a indi-ferença no consumo das carnes oferecidas aos ídolos, dizendo que Deus não se importa nem muito nem pouco com isso. E que mais? Não é possível estabelecer o número dos que de uma forma ou de outra se afastaram da verdade.

### *A seita dos barbelonitas*

**29,1.** Além destes simonianos de que falamos, igual a cogumelos despontou da terra a multidão de gnósticos barbelonitas e exporemos os pontos principais da sua doutrina. Alguns supõem um Éon que nunca envelhece, que está num espírito virginal, que chamam Barbelo, em que se encontra também um Pai inefável, que se quis manifestar a Barbelo. Tendo surgido esta Enóia, ela se lhe pôs à frente e pediu a Prognose. Ao surgir também a Prog-nose, e a um novo pedido destes, surgiram a Incorruptibilidade e depois a Vida eterna. Ufanando-se Barbelo por causa deles, olhando para a Grandeza, concebeu na alegria de vê-la e gerou uma Luz semelhante a esta Grandeza. Este é, dizem, o princípio da iluminação e da geração de todas as coisas. O Pai, vendo esta Luz, ungiu-a com a sua benignidade, para que se tornasse perfeita: ela é o Cristo, dizem. O Cristo, por sua vez, como dizem, pediu que lhe fosse concedida Nous como ajuda: e Nous foi produzida. Além destes, o Pai emitiu o Logos. Então se uniram Enóia e Logos, Incorruptibilidade e Cristo, Vida eterna e Telema, Nous e Prognose. Eles todos glorificavam a grande Luz e Barbelo.

**29,2.** De Enóia e Logos foi emitido Autógenes, imagem da grande Luz que, dizem, foi sumamente honrado e ao qual foram submetidas todas as coisas. Com ele foi também emitida a Verdade e se formou a sিজία de Autógenes e Verdade. Da Luz, que é Cristo, e da Incorruptibilidade foram

emitidos quatro Luminares, afirmam, para ficarem em volta de Autógenes; de Telema e Vida eterna foram feitas quatro emissões para ficarem a serviço dos quatro Luminares, que se chamam Cáris, Télesis, Súnesis e Frónesis. Cáris foi entregue ao grande e primeiro Lumi-nar, que dizem ser o Salvador e que se chama Armozel; Télesis foi entregue ao segundo, que chamam Raguel; Súnesis ao terceiro, que chamam Davi; e Frónesis ao quarto, que chamam Eleleth.

**29,3.** Estabelecidas todas estas coisas, Autógenes emitiu o Homem perfeito e verdadeiro que chamam Adamante, porque nem ele foi domado, nem aqueles dos quais foi emitido; e este Homem, junto com o primeiro Luminar, foi afastado de Armozel. De Autógenes e do Homem, foi emitida a Gnose perfeita que se uniu a ele. Eis por que o homem conheceu Aquele que está acima de todas as coisas e lhe foi conferida força invencível pelo Espírito virginal. E todas as coisas, agora que descansam, louvam o grande Éon por isso tudo. Daqui, dizem, é que foram conhecidos a Mãe, o Pai e o Filho. De Homem e Gnose nasceu uma árvore à qual também dão o nome de Gnose.

**29,4.** Em seguida, do primeiro Anjo que assiste a Monó-genes foi emitido, asseveram, o Espírito Santo, que chamam também Sofia e Prunico. Esta, vendo que todos os outros tinham o seu par e ela não, procurou um para unir-se com ele. Como não encontrasse ninguém, esforçava-se, estendia-se para olhar para as regiões inferiores pensando que encontraria um, e não o encontrando inquietou-se e entristeceu-se porque se esforçara sem o beneplácito do Pai. Depois, movida pela simplicidade e pela bondade, gerou um complexo de Ignorância e Presunção que eles dizem ser o Protoarconte, artífice deste universo. Ele tirou um grande poder de sua Mãe e se afastou dela nas regiões inferiores e criou o firmamento do céu, no qual dizem que mora. Sendo a Ignorância, criou as Potências que estão abaixo dele, os Anjos, os firmamentos e todas as coisas da terra. Em seguida uniu-se à Presunção e gerou a Iniquidade, o Ciúme, o Homicídio, a Vingança e a Paixão. Gerados estes, a Mãe Sofia fugiu e se refugiou contristada nas alturas, enquanto, a contar de baixo, se formou a Ogdôada. Quando ela se afastou, julgando estar só, disse: “Eu sou um Deus ciumento e afora eu não há nenhum”.<sup>63</sup> Estas são as mentiras deles.

### *Ofitas e setianos*

**30,1.** Outros ainda dizem coisas mirabolantes. Havia na Potência do Abismo uma primeira Luz, bem-aventurada, incorruptível, infinita, que é o Pai de todas as coisas e se chama Primeiro Homem. A Enóia emitida por ele dizem que é seu filho, o Filho do Homem, o Segundo Homem. Abaixo deles há o Espírito Santo, e debaixo do Espírito do alto os elementos separados, como a água, as trevas, o abismo e o caos, sobre os quais pairava o Espírito que eles chamam Primeira Mulher. Aconteceu depois que o Primeiro Homem, junto com seu filho, exultou por causa da formosura do Espírito, Primeira Mulher, irradiou-a e gerou dela uma Luz incorruptível, o Terceiro Homem, que chamam Cristo, filho do Primeiro e do Segundo Homem e do Espírito Santo, a Primeira Mulher.

**30,2.** O Pai e o Filho uniram-se à Mulher, que eles chamam também Mãe dos Viventes, a qual foi incapaz de suportar e de compreender a grandeza da Luz, que, dizem, transbordou e jorrou do lado esquerdo. Assim somente o Cristo foi o filho deles por ser da direita e para ser criado nas regiões superiores, foi levado com a sua Mãe ao Éon incorruptível. E a verdadeira e santa Igreja é esta: a convocação, a convenção e a união do Pai de todas as coisas, do Primeiro Homem, do Filho Segundo Homem, do Cristo filho deles e da Mulher de que falamos.

**30,3.** Ora, a Potência que jorrou da Mulher, possuindo o orvalho de Luz, se lançou para baixo abandonando os Pais, por sua vontade, levando o orvalho de Luz. Ela é chamada Esquerda, Prunico,



Sofia, Macho-Fêmea. Desceu simplesmente às águas tranquilas, agitou-as e desceu arrojadamente aos abismos onde tomou um corpo. Todas as coisas, dizem, acorreram para o orvalho de Luz que havia nela, apegaram-se-lhe e a envolveram de todos os lados; se não tivesse esse orvalho de Luz, seria totalmente absorvida e submergida na matéria. Presa a este corpo de matéria e muito gravada por ele, foi finalmente tomada de resipiscência e então tentou sair das águas e voltar junto a Mãe, mas não lhe foi possível por causa do peso do corpo que a envolvia. Sentindo-se muito mal, pensou em esconder a Luz do alto, temerosa de que ela também viesse a ser estragada pelos elementos inferiores, como aconteceu com ela. Foi-lhe então comunicada uma força pelo orvalho de Luz que havia nela que a fez saltar e elevar-se às alturas. Chegada ao alto, desenvolveu-se, cobriu-se e fez este céu visível, tirando-o de seu corpo e permaneceu debaixo dele, num corpo de aparência molhada. Depois, ao desejar a Luz do alto, recebeu nova força que lhe permitiu abandonar o corpo e se ver livre dele. Dizem que se desvestiu do corpo e a chamam Mulher tirada de Mulher.

**30,4.** Afirmam que o filho dela recebeu da Mãe também a aspiração à incorruptibilidade que o fazia agir. Tornado poderoso ele também emitiu das águas, como dizem, um filho sem a Mãe que ele não teria conhecido. E o filho dele, à imitação do Pai, emitiu também um filho; o terceiro, um quarto; o quarto, um quinto; o quinto, um sexto; o sexto, um sétimo, completando-se assim, no dizer deles, a Hebdômada, e a Mãe ocupou o oitavo lugar. Como na geração, assim também eles conservam entre si uma hierarquia na dignidade e no poder.

**30,5.** Eis os nomes que deram a esta mentira: ao primeiro filho da Mãe deram o nome de Jaldabaoth; ao deste, Iao; ao deste, Sabaoth; ao quarto, Adonai; ao quinto, Elohim; ao sexto, Horeu; ao sétimo e último, Astafeu. Estes Céus, Virtudes, Potestades, Anjos e Criadores estão sentados ordenadamente no céu segundo a ordem de geração e, permanecendo invisíveis, governam as coisas celestes e terrestres. O primeiro deles, Jaldabaoth, desprezou a Mãe por ter gerado filhos e netos sem o seu consentimento, isto é, os Anjos e os Arcanjos, as Virtudes, as Potestades e as Dominações. Mal começaram a existir, estes filhos se voltaram contra ele na peleja e no conflito para disputar o primeiro lugar. Então Jaldabaoth, triste e desanimado, olhou para as escórias da matéria que estava abaixo dele, seu desejo tomou consistência nela, e daí, dizem, lhe nasceu um filho, Nous, contorcido como serpente. Deste procederam os elementos pneumáticos, psíquicos e cósmicos; e depois surgiram o Esquecimento, a Maldade, o Ciúme e a Morte. Este Nous, na forma de serpente contorcida, dizem, perverteu ainda mais o Pai com sua tortuosidade quando estava com o Pai deles no céu, no paraíso.

**30,6.** Jaldabaoth, cheio de contentamento, vangloriava-se motivado por todas estas coisas que lhe estavam submetidas, dizendo: “Eu sou o Pai e Deus, acima de mim não há ninguém”.<sup>64</sup> Ao ouvir isto a Mãe lhe gritou: Não mintas, Jaldabaoth, porque acima de ti há o Pai de todas as coisas, o Primeiro Homem, e o Homem, Filho do Homem. Todos se conturbaram por esta nova voz e pela revelação inopinada e procuraram a sua origem. Então Jaldabaoth, para desviá-los e atraí-los a si, disse: Vinde, façamos o homem à nossa imagem. Mas as seis Potências, ouvindo isto, juntaram-se e fizeram um homem de largura e altura imensas, conforme a idéia de homem, inspirada nelas pela Mãe, para esvaziá-las com isso de seu poder original. Como só fosse capaz de se arrastar no solo, levaram-no ao Pai delas, enquanto Sofia encarregava-se da tarefa de eliminar dele o orvalho de Luz, para que, desprovido do poder, não se pudesse mais levantar contra os que lhe estão acima. Enquanto soprava no homem o hálito da vida, sem se aperceber, era-lhe tirado o poder. O homem, porém, possui desde então a inteligência e o pensamento — dizem que é isto que o salvará — e logo agradeceu ao Primeiro Homem, sem se importar com seus Criadores.

**30,7.** Cheio de ciúmes, Jaldabaoth quis então arruinar o homem por meio da mulher, por isso a tirou do pensamento dele; mas Prunico tomou-a e invisivelmente a esvaziou do poder. Os outros se aproximaram, admiraram a sua beleza, deram-lhe o nome de Eva e, apaixonados, geraram dela filhos que, dizem, são os Anjos. A Mãe deles então procurou por meio da serpente induzir Adão e Eva a desobedecer à ordem de Jaldabaoth. Eva acreditou facilmente, como se tivesse escutado a voz do Filho de Deus, e convenceu Adão a comer do fruto da árvore que Deus lhes proibira comer. Depois de o terem comido, dizem, conheceram a Potência que está acima de todas as coisas e se afastaram de seus Criadores. Prunico, vendo que tinha sido vencido por obra dela, ficou muito contente e gritou novamente que, existindo já um Pai incorruptível, Jaldabaoth mentira ao se atribuir o nome de Pai e que existindo já um Homem e uma Primeira Mulher, pecara ao fazer uma cópia falsificada deles.

**30,8.** Jaldabaoth porém, por causa do esquecimento em que estava envolvido, não tomou conhecimento destas palavras e afastou Adão e Eva do Paraíso porque tinham infringido a sua ordem. Ele queria que Eva lhe gerasse filhos, mas não o conseguiu, porque a Mãe o contrariava em tudo. Às escondidas, ela esvaziou Adão e Eva do orvalho de Luz para que o Espírito tirado da Potência Suprema não participasse da maldição, nem do opróbrio. Assim ensinam, que esvaziados da substância divina, foram amaldiçoados por ela e lançados do céu para este mundo. E a serpente que tinha agido contra o Pai foi também lançada no mundo inferior. Submetendo ao seu poder os Anjos que ali estavam, gerou seis filhos para imitar, sendo ela o sétimo elemento, a Hebdômada que está junto ao Pai. E estes são os sete demônios cósmicos que sempre contrariam e obstaculizam o gênero humano, porque foi por causa de Adão e Eva que o Pai deles foi precipitado aqui em baixo.

**30,9.** Adão e Eva, no princípio, tinham corpos leves, luminosos, como que espirituais, porque é assim que foram criados, mas chegados aqui, tornaram-se mais obscuros, gordos e pesados. Também suas almas ficaram moles e lânguidas porque possuíam somente o sopro cósmico recebido do Criador, até que Prunico teve piedade deles e lhes devolveu o suave perfume do orvalho da Luz. Com ele voltaram a si e descobriram que estavam nus e que tinham corpos materiais, conheceram que traziam em si a morte e se tornaram pacientes, sabendo que este corpo os envolvia temporariamente. Guiados por Sofia, encontraram alimento e, saciados, uniram-se carnalmente e geraram Caim. Mas a serpente decaída e seus filhos logo se apoderaram dele, perverteram-no, encheram-no de esquecimento cósmico e o lançaram às raias da loucura e da desfaçatez; e ao matar o irmão Abel, foi o primeiro a mostrar o Ciúme e a Morte. Depois deles, dizem, conforme os planos de Prunico, foram gerados Set e Norea dos quais nasceu a restante multidão dos homens, os quais foram imersos pela Hebdômada inferior em toda espécie de malícia, na apostasia da superior Hebdômada santa, na idolatria, no desprezo de tudo, enquanto a Mãe não parava de contrariá-los invisivelmente para salvar o que lhe pertencia, isto é, o orvalho da Luz. A Hebdômada santa, dizem que são as sete estrelas, que chamam planetas, e a Serpente decaída tem dois nomes: Miguel e Samael.

**30,10.** Jaldabaoth, irado contra os homens porque não o adoravam e não o honravam como Pai e Deus, enviou-lhes o dilúvio para destruí-los a todos de uma vez. Mas pela oposição de Sofia foram salvos Noé e os que estavam com ele na arca, por causa do orvalho de Luz que vinha dela e graças ao qual este mundo foi novamente enchido de homens. Dentre estes, o próprio Jaldabaoth escolheu um, Abraão, com quem fez uma aliança: se a sua descendência perseverasse em servi-lo lhe daria a terra em herança. Depois, por meio de Moisés, tirou do Egito os descendentes de Abraão, deu-lhes uma Lei e fez deles o povo hebreu. Dentre eles escolheu sete deuses que chamam de Hebdômada santa e cada um deles escolheu o seu arauto para o glorificar e anunciar como deus, a fim de que os restantes, ao ouvir essas glorificações, também sirvam aos deuses que os profetas anunciavam.

**30,11.** Eis como distribuem os profetas: de Jaldabaoth eram Moisés, Jesus, filho de Nave, Amós e Habacuc; de Iao: Samuel, Natã, Jonas e Miquéias; de Sabaoth: Elias, Joel e Zacarias; de Adonai: Isaías, Ezequiel, Jeremias e Daniel; de Eloim: Tobias e Ageu; de Hor: Miquéias e Naum; de Astafeu: Esdras e Sofonias. Cada um deles glorifica o seu Pai e Deus; e a própria Sofia, dizem, através deles manifestou muitas coisas acerca do Primeiro Homem, do Éon incorruptível, do Cristo do alto; prevenindo e lembrando os homens da Luz incorruptível, do Primeiro Homem e da descida do Cristo. Diante do espanto e da admiração das Potências, causados pelas novidades contidas no anúncio dos profetas, Prunico, agindo por meio de Jaldabaoth e sem que ele se desse conta, fez com que acontecessem duas emissões de homens, um da estéril Isabel e o outro da Virgem Maria.

**30,12.** Mas não encontrando paz nem no céu nem na terra, angustiada invoca a ajuda da Mãe, a Primeira Mulher, que teve compaixão da pena da filha e pediu ao Primeiro Homem que enviasse o Cristo em socorro. Este desceu à irmã em vista do orvalho de Luz. Tendo sabido que o irmão descia a ela, a Sofia de baixo anunciou esta vinda por meio de João, preparou o batismo de penitência e predispsô Jesus para que o Cristo, na sua vinda, encontrasse um vaso puro e pelo filho de Jaldabaoth a Mulher fosse anunciada por Cristo. Então o Cristo desceu, passando pelos sete céus, tornando-se semelhante aos seus filhos e esvaziando-os gradualmente do seu poder, porque, dizem, todo o orvalho de Luz acorreu para ele. Ao descer a este mundo, o Cristo se revestiu da irmã Sofia e ambos exultaram e repousaram um no outro; e definem: estes são o Esposo e a Esposa. Ora, Jesus, por ter nascido de uma Virgem por obra de Deus, era o mais sábio, puro e justo de todos os homens e nele desceu o Cristo unido à Sabedoria: foi assim que se fez Jesus Cristo.

**30,13.** Muitos dos discípulos de Jesus não souberam que o Cristo descera nele. Quando houve esta descida, Jesus começou a fazer milagres e curas, a anunciar o Pai des-conhecido e a declarar-se abertamente o Filho do Primeiro Homem. Irritados, os Principados e o Pai de Jesus fizeram de tudo para matá-lo e quando era levado à morte o Cristo e Sofia se retiraram no Éon incorruptível, afirmam eles, e somente Jesus foi crucificado. Cristo, porém, não se esqueceu do que era seu e do alto enviou a Jesus uma potência que o ressuscitou num corpo que eles dizem ser psíquico e pneumático; os elementos cósmicos, Jesus os abandonou no mundo. Os discípulos, quando o viram depois da ressurreição, não foram capazes de o reconhecer, nem o próprio Jesus ficou sabendo quem o ressuscitara. Dizem que este foi o erro maior em que caíram os discípulos: o de acreditar que ele tinha ressuscitado no corpo cósmico, porque não sabiam que a carne e o sangue não podem empossar-se do reino dos céus.

**30,14.** O argumento apresentado para explicar a descida e a subida de Cristo é que, segundo os seus discípulos, antes do batismo e depois da ressurreição não fez nada de extraordinário. É que os discípulos não sabiam da união de Jesus com o Cristo e do Éon incorruptível com a Hebdômada e tomaram o corpo psíquico por corpo cósmico. Jesus ficou com eles por dezoito meses depois da ressurreição e, tendo recebido a compreensão, ensinou o que já era evi-dente. Mas somente a poucos discípulos, que sabia capazes de mistérios tão grandes, ensinou estas coisas. Depois disto Jesus foi recebido no céu onde está sentado à direita do Pai Jaldabaoth, para acolher em si, depois que depuseram a carne cósmica, as almas dos que o conheceram. Assim vai-se enriquecendo, sem que o Pai o saiba e nem mesmo o veja, de forma tal que na proporção que Jesus se enriquece com estas almas santas o Pai enfraquece e diminui pela perda do seu poder, por causa destas almas. E lhe vêm a faltar as almas santas para reenviar a este mundo, restando-lhe somente as que derivam da sua substância, isto é, da sua expiração. A consumação final dar-se-á quando todo o orvalho do espírito de Luz será reunido e levado ao Éon da incorruptibilidade.

**30,15.** Estas são as doutrinas deles, de que surgiu, como hidra de Lerna, a besta das muitas cabeças, que é a escola de Valentim. Alguns dizem que a própria Sofia se transformou em serpente e por isso se levantou contra o Criador de Adão e deu a gnose aos homens e foi julgada a mais sábia de todos. Até o enrolado dos nossos intestinos pelos quais passa o alimento, por ter esta figura, apresenta escondida em nós a substância geradora da Serpente.

### *Cainitas*

**31,1.** Outros ainda dizem que Caim deriva da Potência Suprema e que Esaú, Coré, os sodomitas e semelhantes eram todos da mesma raça dela; motivo pelo qual, mesmo combatidos pelo Criador, nenhum deles sofreu algum dano, porque Sofia atraiu a si tudo o que lhe era próprio. Dizem que Judas, o traidor, sabia exatamente todas estas coisas e por ser o único dos discípulos que conhecia a verdade, cumpriu o mistério da traição e que por meio dele foram destruídas todas as coisas celestes e terrestres. E apresentam, à confirmação, um escrito produzido por eles, que intitulam Evangelho de Judas.

## CONCLUSÃO

**31,2.** Já recolhi escritos deles nos quais incitam a destruir as obras da Histera: é assim que chamam o Criador do céu e da terra. Dizem que ninguém se salva se não passar por todas as experiências, como dizia Carpócrates. A cada pecado ou ação vergonhosa assiste um Anjo: portanto é preciso ter a coragem de o fazer e lançar o que possa haver de impuro neste Anjo e dizer: Ó Anjo, eu cumpro a tua obra, ó Potência, eu pratico a tua ação. A gnose perfeita consiste em entregar-se a estas práticas que sequer ousamos nomear.

**31,3.** Era necessário mostrar que os valentinianos derivam de tais pais e mães, como revelam as suas teorias e sistemas, expô-los abertamente e contestá-los. Talvez assim alguns deles se arrependam e se convertam ao único Deus, Criador e Autor do universo e outros não sejam desviados pela sua doutrina falsa e persuasiva, julgando conhecer por meio deles um mistério maior e mais profundo. Todos aprenderão corretamente de nós o que eles incorretamente ensinam, conhecerão o ridículo dessas doutrinas e terão compaixão dos que, mesmo envolvidos em fábulas tão miseráveis e inconsistentes, orgulharam-se a ponto de se julgarem melhores que os outros por causa da gnose, que mais se deveria chamar de ignorância. Ora, arrancar-lhes a máscara e fazer conhecer a sua doutrina já é vitória sobre eles.

**31,4.** Foi por isso que nos esforçamos em pôr às claras e apresentar o corpo feio destas raposas. Já não serão necessários muitos discursos para refutar uma doutrina que se tornou conhecida de todos. Como quando uma fera se esconde na floresta onde assalta e devasta, se alguém corta e limpa a floresta e consegue ver a fera já não lhe falta muito para caçá-la, sabendo de que fera se trata. Será possível vê-la, defender-se dos seus assaltos, atirando-lhe setas de todos os lados, ferir e matar esta fera devastadora. Assim nós, que manifestamos os seus mistérios escondidos e envolvidos no silêncio, não precisaremos de muitas argumentações para refutar a sua doutrina. Torna-se fácil para ti e para os que estão contigo exercitar-vos sobre tudo o que já dissemos, derrubar suas doutrinas falsas e sem fundamento e mostrar como discordam da verdade. Estando assim as coisas, como prometi e conforme à nossa capacidade produziremos, no livro seguinte, uma refutação das suas doutrinas e visando a todos eles — como vês o discurso está ficando longo — e te daremos também uma ajuda para combater todas as suas afirmações, na ordem em que foram expostas, para que não somente deixemos a fera à vista, mas fíramo-la de todos os lados.

[1](#) 1Tm 1,4.

[2](#) Ex 20,11; Sl 145; At 4,24; 14,15.

[3](#) Ignora-se quem seja este amigo a quem Ireneu dedica sua obra.

[4](#) Mt 10,26.

[5](#) Cf. Lc 3,23; Mt 20,1-7.

[6](#) Cristo e o Espírito Santo formam um casal (um sизigia) porque o espírito, em língua semita, é considerado um ser feminino.

[7](#) Ef 3,21.

[8](#) Lc 2,42-46; Mt 10,2; Lc 6,13.

[9](#) Mt 5,18.

[10](#) Cl 3,11; Rm 11,36; Cl 2,9.

[11](#) Lc 14,27; Mc 8,34; Mt 10,34.

[12](#) Mt 3,12; Lc 3,17.

[13](#) 1Cor 1,18; Gl 6,14.

[14](#) Mt 10,8.

[15](#) Mt 11,27; Cl 1,16.

[16](#) Mt 8,9; Lc 7,8.

[17](#) É a partir de santo Ireneu que a expressão “escrituras” passa a designar tecnicamente tanto o Novo quanto o Antigo Testamento. Até então o uso se restringia ao AT. Ao mesmo tempo, Ireneu insistirá na unidade dos dois Testamentos (cf. também II,28.3; III,12.11).

[18](#) 1Cor 15,8.

[19](#) 1Cor 11,10.

[20](#) Mt 27,46.

[21](#) Mt 26,38.

[22](#) Mt 26,39.

[23](#) Jo 12,27.

[24](#) Mt 8,19.20.22; Lc 9,57-58.60-61; 19,5.

[25](#) 1Cor 15,48; 2,14-15.

[26](#) Rm 11,16.

[27](#) Lc 2,29.

[28](#) 1Cor 2,6; Ef 5,32.

[29](#) Jo 1,1-2.

[30](#) Jo 1,3.

[31](#) Jo 1,4

[32](#) Ef 5,13.

[33](#) Jo1,14.

[34](#) Eis as linhas fundamentais do “Símbolo da fé” usado na Igreja de Lião, no tempo de Ireneu.

[35](#) Este “centro do mundo” para alguns intérpretes seria a Palestina; para outros, a Itália; outros ainda o localizam em Roma.

[36](#) Rm 11,32.

[37](#) Ef 3,6.

[38](#) 1Cor 15,54.

[39](#) Os 2,25; Rm 9,25; Is 54,1; Gl 4,27.

[40](#) Rm 11,33.

[41](#) O critério utilizado é o alfabeto grego onde vão se combinando as letras: primeira e última, segunda e penúltima, terceira e antepenúltima e assim progressivamente.

[42](#) Curiosa ironia: o Silêncio fala e fala muito, mas nada diz de verdadeiro; é um falante vazio.

[43](#) Sl 8,3; 19,2.

[44](#) Cf. Lc 15,8-10.

[45](#) Tt 3,10; 2Jo 11; Is 48,22.

[46](#) Is 1,3; Os 4,1; Sl 13,2-3; Rm 3,11-12; Ex 33,20.



[47](#) Dn 12,9-10.

[48](#) Lc 2,49.

[49](#) Mt 19,17.

[50](#) Ágrafo: passagem não escrita nos Evangelhos. Nem por isso deve ser tida como falsa, dado que, para Ireneu, a tradição oral precede a tradição escrita.

[51](#) Lc 19,42.

[52](#) Mt 11,28-29.

[53](#) Mt 11,25-27.

[54](#) Lc 12,50.

[55](#) Mt 20,22.

[56](#) Sl 33,6.

[57](#) Jo 1,3.

[58](#) Aqui estão, outra vez, os elementos fundamentais professados no “Símbolo da fé” de Ireneu, alguns dos quais depois farão parte do “Símbolo niceno-constantinopolitano”, ainda hoje proclamado nas celebrações dominicais.

[59](#) At 8,9-11.

[60](#) At 8,20-23.

[61](#) Lc 12,58-59; Mt 5,25-26.

[62](#) Ap 2,6.

[63](#) Ex 20,5; Is 45,5-6; 46,9.

[64](#) Cf. Is 45,5-6; 46,9.